
Os povoados do Bronze Final do Sudoeste na margem esquerda portuguesa do Guadiana: novos dados sobre a cerâmica de ornatos brunidos

ANTÓNIO M. MONGE SOARES*

R E S U M O

O levantamento arqueológico que se tem vindo a realizar, ao longo dos últimos anos, na margem esquerda portuguesa do Rio Guadiana, levou já à identificação de treze povoados atribuíveis ao Bronze Final do Sudoeste. O seu estudo permitiu inferir a existência de uma hierarquização entre eles e reconhecer no povoado do Álamo a sede provável de uma chefatura. Além disso, a cerâmica de ornatos brunidos neles encontrada aponta para a existência de um “estilo” regional deste tipo de decoração na margem esquerda. Por outro lado, confirmou-se que a cerâmica de ornatos brunidos é relativamente rara dentro do conjunto artefactual cerâmico recolhido, com excepção do que acontece no sítio de Santa Margarida, onde apareceu em grandes quantidades. Este facto, entre outros, poderá traduzir um carácter ritual não só ligado a este sítio arqueológico, mas também associado à própria cerâmica de ornatos brunidos.

A B S T R A C T

Archaeological surveys carried out at the Portuguese left bank of the Guadiana river allowed the identification and a preliminary study of thirteen Late Bronze Age settlements. It was possible to infer some sort of hierarchization among them and to assign one of them (Álamo) to a head-settlement of a chiefdom. On the other hand, pattern-burnished ceramics collected at these settlements allowed to prove the existence of a regional style of this pottery at the left bank. Nevertheless, pattern-burnished decoration is relatively rare at the ceramics assemblage from any of these Late Bronze Age settlements, with the exception of the site of Santa Margarida where it was collected at big quantities. This fact, among others, points out to a ritual character connected with the archaeological site of Santa Margarida and, also, that this same character must be ascribed to the pattern-burnished pottery itself.

1. Introdução

Ao longo do Guadiana, designadamente na sua margem esquerda pertencente a Portugal, acidentes geográficos separam algumas sub-regiões naturais com características próprias, definidas não só pelo seu enquadramento oro-hidrográfico, mas também pelo tipo de solo. Nesta região, de forma grosseiramente triangular, podem, assim, identificar-se as seguintes sub-regiões: o Baixo Ardila, as serranias de Barrancos, o Campo de Serpa, com a sua zona de barros, e a Serra de Serpa, que se prolonga pela Serra de Mértola. O Baixo Ardila é limitado, a oriente, pelas serranias de Barrancos, que integram o Alto Ardila, e, a sudoeste, pelas Serras de Ficalho, da Adiça e da Preguiça; para lá destas fica o fértil Campo de Serpa; a sul da Serra de Ficalho, começam os terrenos xistosos e as elevações da Serra de Serpa, que se prolongam pela Serra de Mértola. Os terrenos com boas ou razoáveis aptidões agrícolas (Fig. 1), integrados no Baixo Ardila e no Campo de Serpa, são pois bordejados, a oriente e a sul, pelos terrenos xistosos de Barrancos e da Serra de Serpa, respectivamente. Os terrenos xistosos de Barrancos, ricos em minérios de cobre, prolongam-se, na província de Huelva (Andaluzia, Espanha), por terrenos também acidentados que culminam nas elevações dos Picos de Aroche e, mais além, pela Serra de Aracena. Os Picos de Aroche separam, nessa zona, a bacia do Ardila da bacia do Chança, a qual aí já se inter-relaciona com a campina onubense. Por seu lado, a bacia do Alto Ardila ou, talvez, mais propriamente, a bacia do rio Murtigão estabelece a transição, a norte, com a Estremadura espanhola. Regressando ao lado português, os relevos residuais, designadamente as Serras da Preguiça, da Adiça e Álamo e as de Belmeque definem vales férteis que se apresentam, aqui, como corredores de passagem entre a bacia do Chança e a do Ardila.

Os terrenos xistosos, esqueléticos, com pouca ou nenhuma aptidão agrícola, a não ser a pecuária, contêm, contudo, jazidas minerais de interesse, nomeadamente de cobre (ver Fig. 1). É o que acontece na região mineira de Barrancos e, mais a sul, na Faixa Piritosa do Alentejo. Jazidas do mesmo metal surgem também numa faixa de direcção NW-SE, entre Ficalho e Moura, associadas a uma formação dolomítica portadora de diversas mineralizações (Vairinho et al., 1991), a qual está largamente distribuída nos relevos residuais, atrás referidos, integrantes dessa faixa e onde também podem surgir minerais de prata (jarosites). Em duas jazidas de minerais de cobre aí situadas, as minas de Rui Gomes e do Monte do Judeu (Fig. 1, a e b, respectivamente), foram encontrados martelos mineiros pré ou proto-históricos (Flores e Araújo, 1945). Infelizmente, a ausência de registo de quaisquer outros artefactos associados impede uma atribuição cronológica mais precisa.

Como resultado dos trabalhos de prospecção, levados a cabo nas últimas duas dezenas de anos, diversas necrópoles atribuíveis ao Bronze I e II do Sudoeste, segundo as definições de Schubart (1975), e povoados atribuíveis ao Bronze Final, têm sido identificados na margem esquerda do Guadiana (Fig. 1). Estes registos, modificaram por completo o panorama, conhecido nos inícios dos anos setenta, referente ao Bronze do Sudoeste nessa região, que levava Schubart (1974, p. 354-355) a afirmar que *“algumas zonas parecem estériles en cuanto a hallazgos... este mismo hecho ocurre con Concelhos enteros, por ejemplo con la zona relativamente grande de Serpa”*.

O rio Guadiana e seus afluentes terão constituído factores importantes, quando não o factor principal, para a fixação das comunidades agro-pastoris da Idade do Bronze. Note-se que, enquanto as necrópoles são atribuíveis ao Bronze I e ao Bronze II (Ribeiro e Soares, 1991; Soares, 1976/77, 1994, 2000), já os povoados parecem ser, na sua totalidade, atribuíveis ao Bronze Final. Contudo, a quase ausência de escavações arqueológicas torna essa filiação cronológica, baseada no aparecimento, em quase todos eles, da cerâmica de ornatos brunidos, de fiabilidade algo reduzida na sua exclusividade.

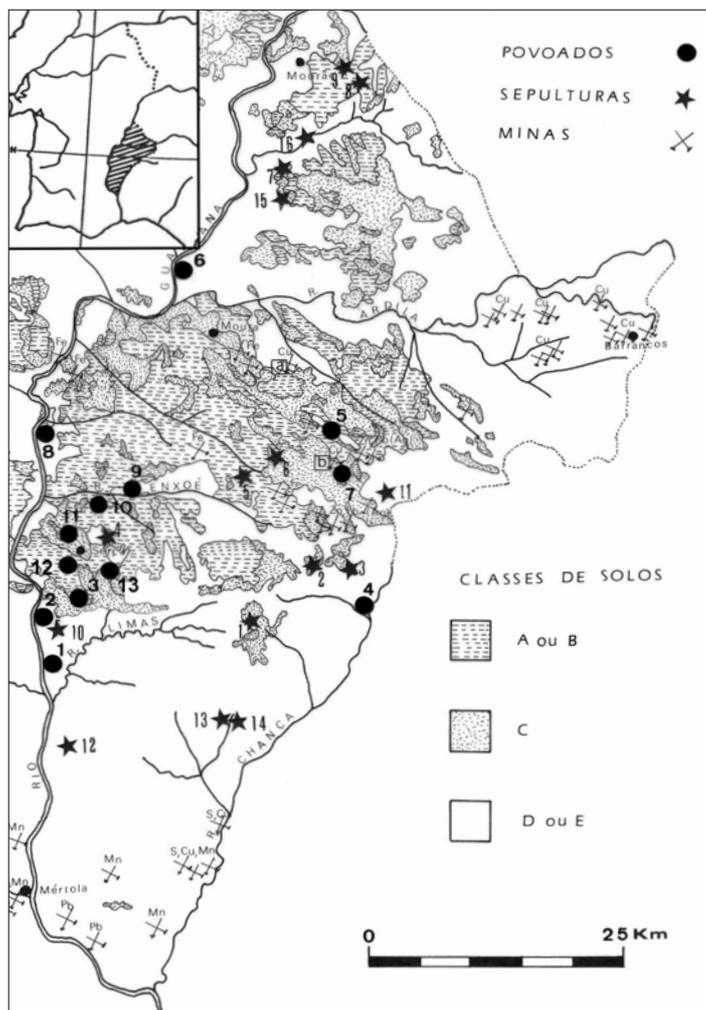


Fig. 1 Localização dos monumentos funerários do Bronze do Sudoeste e dos povoados do Bronze Final do Sudoeste na margem esquerda portuguesa do Guadiana. O mapa foi elaborado com base na Carta de Capacidade de Uso do Solo, Esc. 1:250 000 e na carta de recursos mineiros publicada em Soares, Araújo e Cabral, 1994, Fig. 2 e tendo também em atenção os levantamentos arqueológicos constantes em Lopes, Carvalho e Gomes, 1997 e em Silva, 1998, 2000.

Monumentos funerários: 1 - Carapetal; 2 - Barranco Salto; 3 - Talho do Chaparrinho; 4 - Santa Justa; 5 - Herdade do Montinho; 6 - Belmeque; 7 - Altas Moras; 8 - Queijeirinha; 9 - Folha das Palmeiras; 10 - Bugalhos; 11 - Carapinhais; 12 - Sobralinho; 13 - João de Matos de Cima 1; 14 - João de Matos de Cima 2; 15 - Monte Novo; 16 - Monte da Ribeira 2.

Povoados: 1 - Crespa; 2 - Misericórdia; 3 - S. Brás 1; 4 - Passo Alto; 5 - Serra Alta; 6 - Ratinhos; 7 - Álamo; 8 - Laço; 9 - Casa Branca 1; 10 - Quinta do Pantufo; 11 - Santa Margarida; 12 - S. Gens; 13 - Moitão d'Altura.

Minas pré ou proto-históricas: a - Rui Gomes; b - Monte do Judeu.

Neste trabalho serão dados a conhecer, um por um, e estudados, de um modo necessariamente abreviado, todos estes sítios de habitat, que se encontram indicados na Fig. 1. A cerâmica de ornatos brunidos deles proveniente, uma vez que constitui um elemento de identificação cronológica importante para a fase final do Bronze do Sudoeste, além de que, no caso presente, revela algumas características ainda não conhecidas ou pouco valorizadas, será objecto de uma análise mais detalhada. Dado que o sítio de Santa Margarida (Fig. 1, n.º 11) forneceu largas dezenas de fragmentos de cerâmica com ornatos brunidos, o que permitirá uma base para discussão e interpretação da restante, será então o primeiro a ser referido e descrito com maior detalhe.

2. Povoados

2.1. Santa Margarida

O sítio arqueológico de Santa Margarida era já conhecido na bibliografia arqueológica, mas somente como uma *villa* da época romana (Dias e Soares, 1988-1989). No Inverno de 1995, Mariana Diniz, em prospeções que realizava na vizinhança do povoado neolítico da Foz do Enxoé, recolheu, próximo da Ermida de Santa Margarida (também conhecida por Paiol da Pólvora por, em tempos, ter tido essa função), numa área aplanada, de fácil acesso, entre os barrancos da Carelinha e de Santa Ana, diverso material cerâmico para o qual me chamou a atenção. A parcela onde essa cerâmica tinha sido recolhida havia sido recentemente lavrada, pela primeira vez, por meios mecânicos.

Este facto originou o aparecimento, numa zona relativamente restrita (que se designou por núcleo 1), de inúmeros fragmentos de cerâmica, em excelente estado de conservação, atribuíveis ao Bronze Final. Entre os fragmentos recolhidos contabilizaram-se largas dezenas com ornamentação brunida, o que tornava, desde logo, este sítio arqueológico como aquele do Sudoeste português onde a cerâmica de ornatos brunidos aparecia em maior quantidade. Uma prospeção cuidada da sua envolvente permitiu a descoberta de outros dois núcleos – um junto à Ermida (núcleo 2), com dispersão de materiais, por vezes bastante rolados, na vertente nordeste, e um outro, próximo do “monte” de Santa Margarida (núcleo 3), com materiais menos rolados, dispersos nas vertentes nordeste e sudoeste. Os três núcleos situam-se (Figs. 2 e 3) na zona aplanada de maior cota (*ca.* 140 m) entre os barrancos da Carelinha e de Santa Ana e estão separados entre si por cerca de cem a cento e cinquenta metros praticamente estéreis de vestígios atribuíveis ao Bronze Final. O sítio arqueológico de Santa Margarida situa-se, por conseguinte, na freguesia de

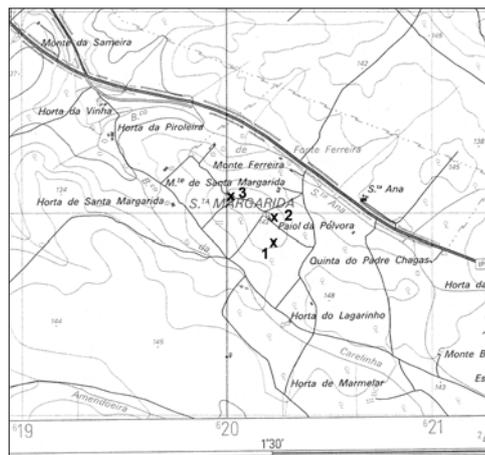


Fig. 2 Localização do sítio arqueológico de Santa Margarida, com indicação dos três núcleos do Bronze Final identificados. Base cartográfica: Carta Militar de Portugal, Esc. 1:25 000, Folha 522, Instituto Geográfico do Exército, 1994.



Fig. 3 Encosta nordeste de Santa Margarida com indicação da localização dos três núcleos do Bronze Final. Em primeiro plano, o IP 8 e o barranco de Santa Ana.

Santa Maria (Serpa), sendo as suas coordenadas geográficas (do núcleo 2) as seguintes: 37° 57' 57" N; 7° 37' 54" W Gr.

Além destas ocupações atribuíveis à época romana e ao Bronze Final do Sudoeste, verificou-se também a existência de ocupações atribuíveis ao Neolítico Final/Calcolítico Inicial (taças carenadas muito abundantes, acompanhadas de pesos de tear em forma de placa) e ao Calcolítico Pleno/Final (pratos de bordo “almen-

drado” e cerâmica campaniforme incisa) na área do núcleo 3. Por outro lado, numa área distante duas ou três dezenas de metros do núcleo 1, a sudoeste, foram recolhidos alguns fragmentos cerâmicos e instrumentos de pedra polida também atribuíveis ao Calcolítico. Também junto ao núcleo 1 e entre este e o 2 aparecem materiais a sugerir uma ocupação tarde-romana (visigótica/paleocristã?), enquanto que junto ao núcleo 3 surgem vestígios islâmicos. Por fim, em toda a área de Santa Margarida são identificáveis vestígios cerâmicos das Épocas Moderna e Contemporânea.

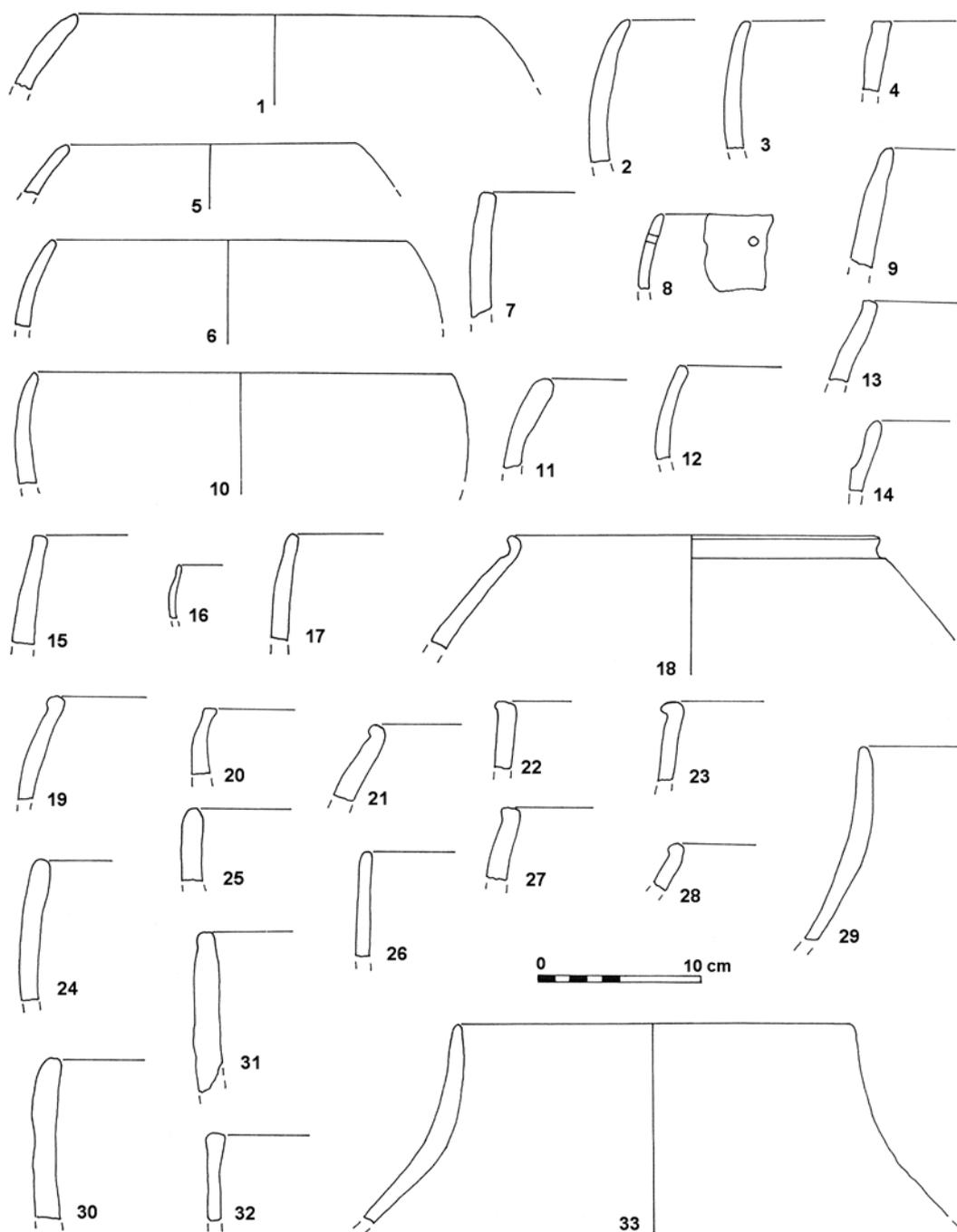


Fig. 4 Santa Margarida - cerâmica não decorada.

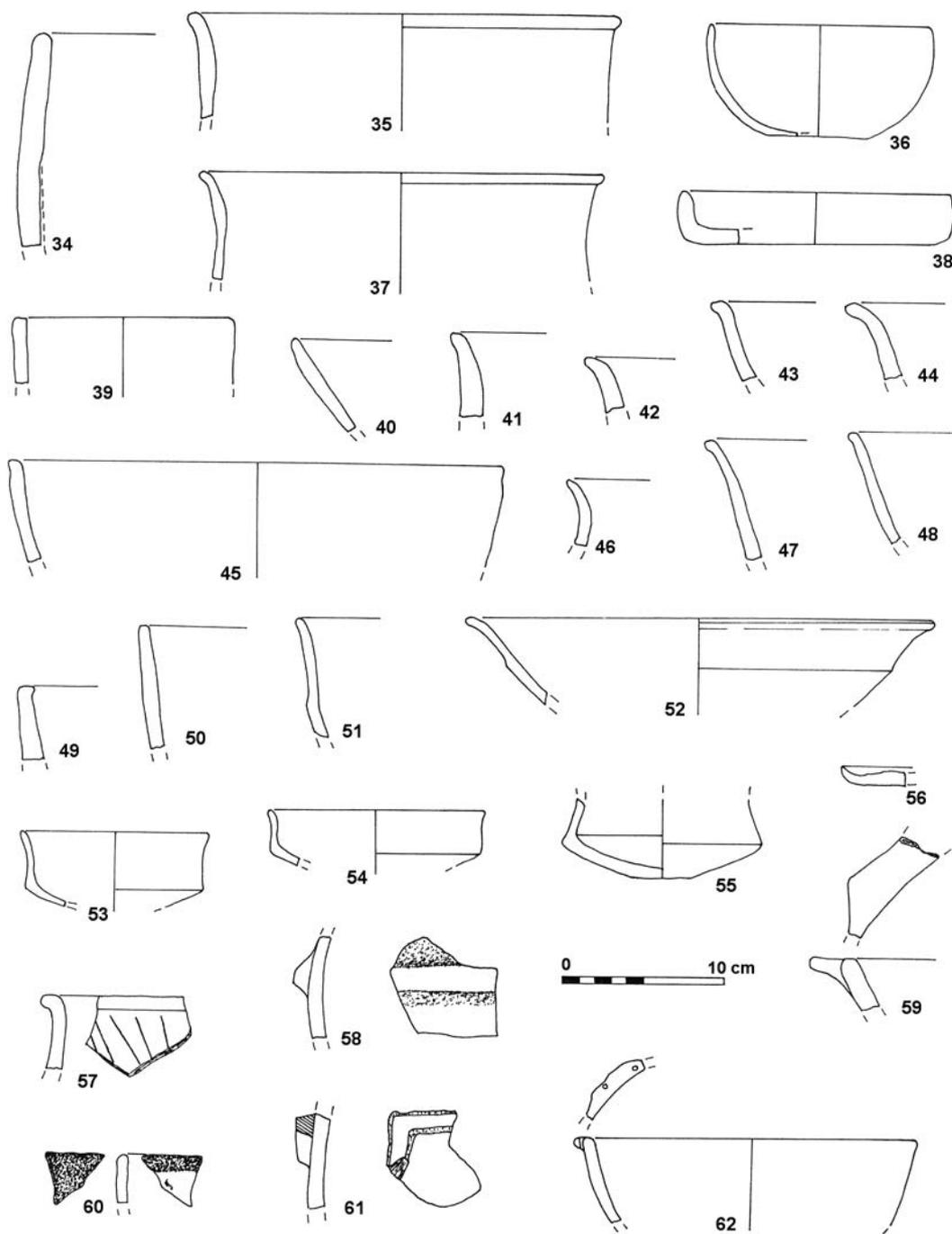


Fig. 5 Santa Margarida – cerâmica não decorada (34 a 56); com decoração incisa (57); com pintura vermelha tinta (60); com cordões em relevo aplanados (asas ou pegas ?) (58 e 61); com pegas de prensão no bordo (59 e 62).

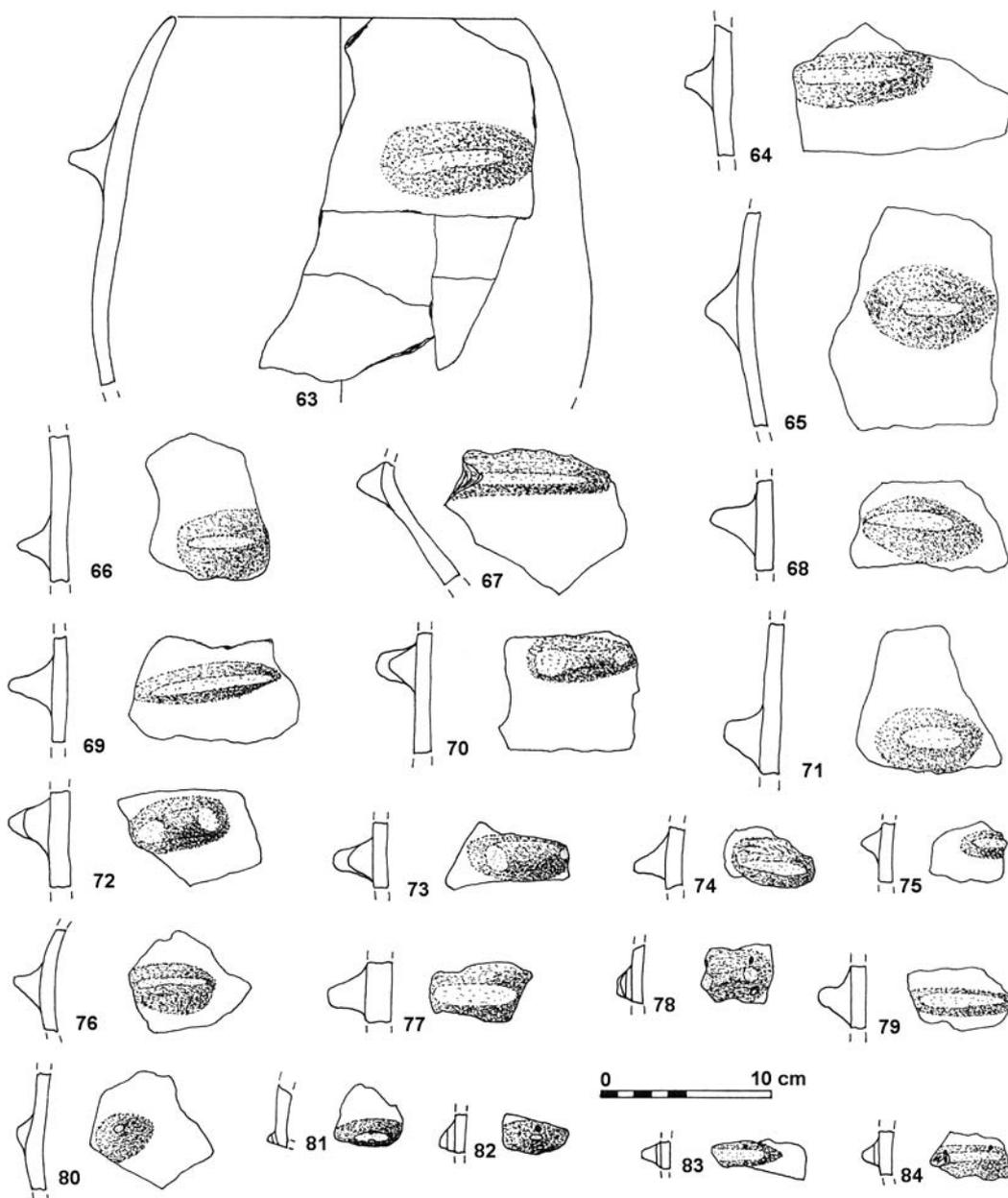


Fig. 6 Santa Margarida – cerâmica com pegas mamilares, algumas delas com perfurações (78, 81 a 84).

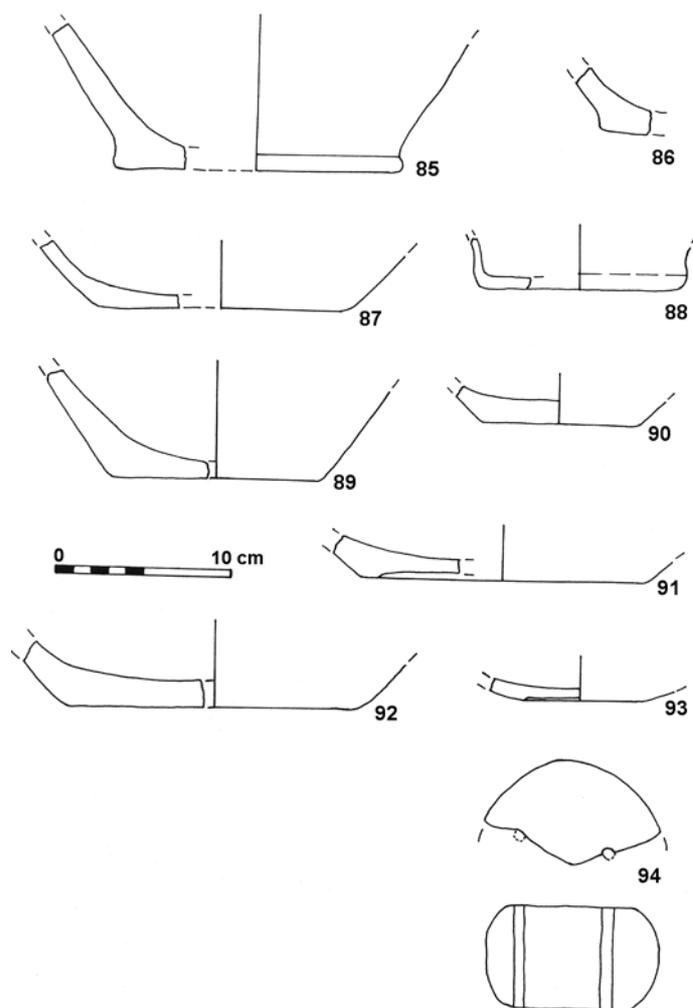


Fig. 7 Santa Margarida – cerâmica: fundos (85 a 93); peso de tear (94).

No que se refere à ocupação do Bronze Final não se verificam diferenças significativas entre a cerâmica – único tipo de artefacto, até agora, encontrado em Santa Margarida – recolhida nos diversos núcleos, a não ser uma melhor conservação dos fragmentos do núcleo 1, sendo a pior a dos do núcleo 2, como já mencionado. Uma amostragem, julgada significativa, da cerâmica, toda ela feita à mão, do Bronze Final de Santa Margarida encontra-se representada nas Figs. 4 a 10. Além dos fragmentos decorados com ornatos brunidos que se podem observar nas Figs. 8 a 10 muitos outros não foram desenhados, dado serem fragmentos pequenos ou que apresentam os brunidos muito erodidos, o que torna difícil ou impossível determinar o padrão decorativo. Foram, ao todo, recolhidos mais de centena e meia de fragmentos com decoração brunida. Encontrou-se uma proporção de cerca de 1: 2: 11 correspondente, respectivamente, à decoração só no interior, no interior e no exterior e só no exterior. Normalmente, as faixas e os traços brunidos são mais escuros que as superfícies não brunidas, enquanto que em algumas cerâmicas os traços e faixas brunidos se distinguem apenas pelo seu brilho que pode até ser, em casos raros, mais claro que o resto da superfície. Também em algumas cerâmicas se pode observar que a superfície foi preparada com uma aguada, previamente à realização dos brunidos. Note-se, por outro lado, que a decoração brunida ocorre quer em vasos abertos (taças e tigelas carenadas, por exemplo), quer em gran-

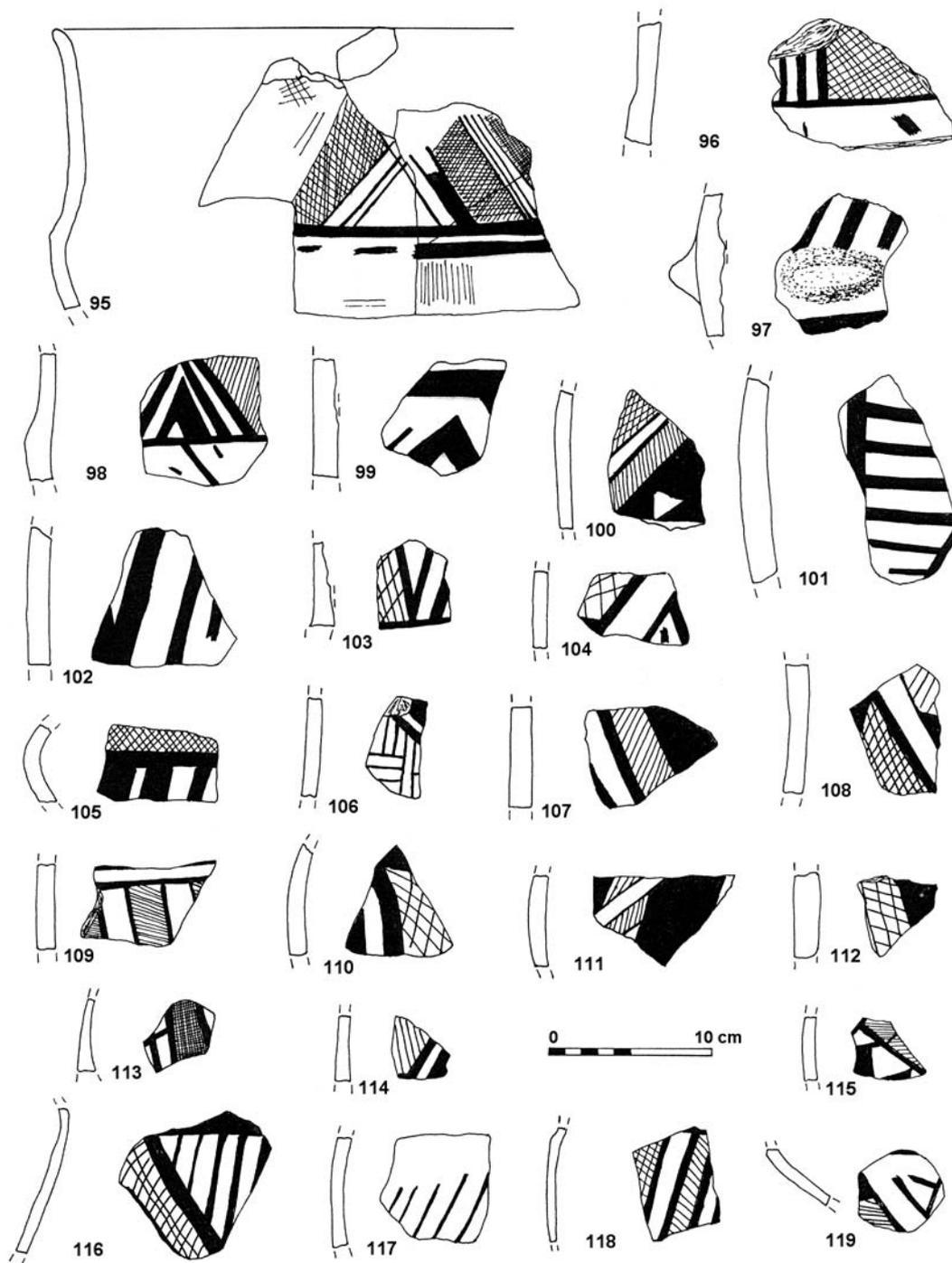


Fig. 8 Santa Margarida – cerâmica com decoração brunida no exterior.

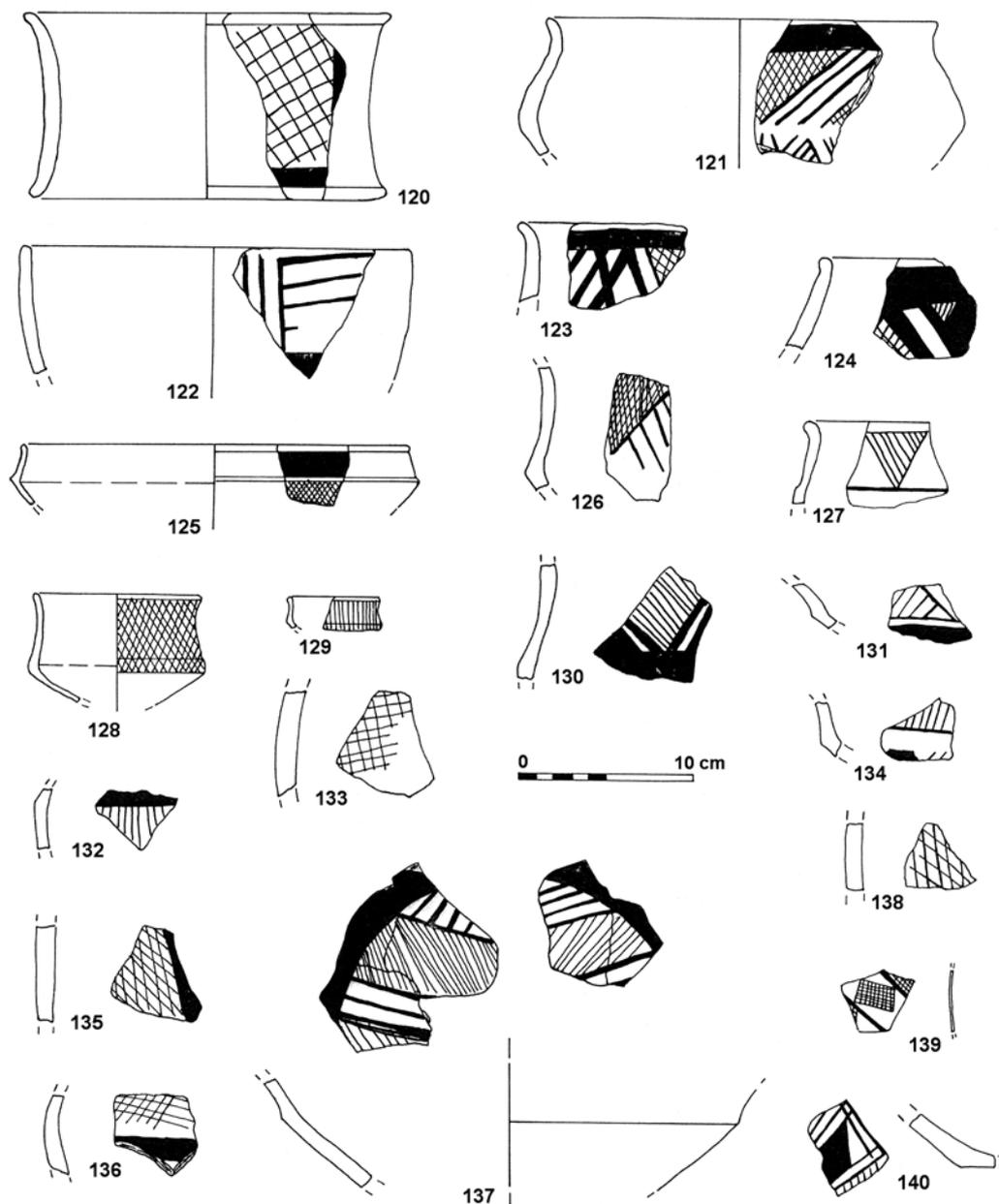


Fig. 9 Santa Margarida – cerâmica com decoração brunida no exterior (120 a 136, 138) ou no interior (137, 139, 140).

des vasos fechados (de provisões, provavelmente). Se estes vasos apresentam paredes espessas decoradas, existem outros de paredes muito finas (1 a 2 mm de espessura) com decoração brunida no interior (Fig. 9, n.º 139) ou no interior e no exterior (Fig. 10, n.º 145). Foi, também, recolhido um suporte (Fig. 9, n.º 120) com decoração brunida no exterior. Será de referir, por fim, que a cerâmica que apresenta este tipo de decoração é, na sua maioria, tal como a restante não decorada, de tons escuros, predominando os tons cinzentos e castanhos.

Outros tipos de decoração são raríssimos, a não ser que se considere como decoração, ou como tendo também essa função, as pegas mamilares, vulgares na cerâmica do Bronze Final.

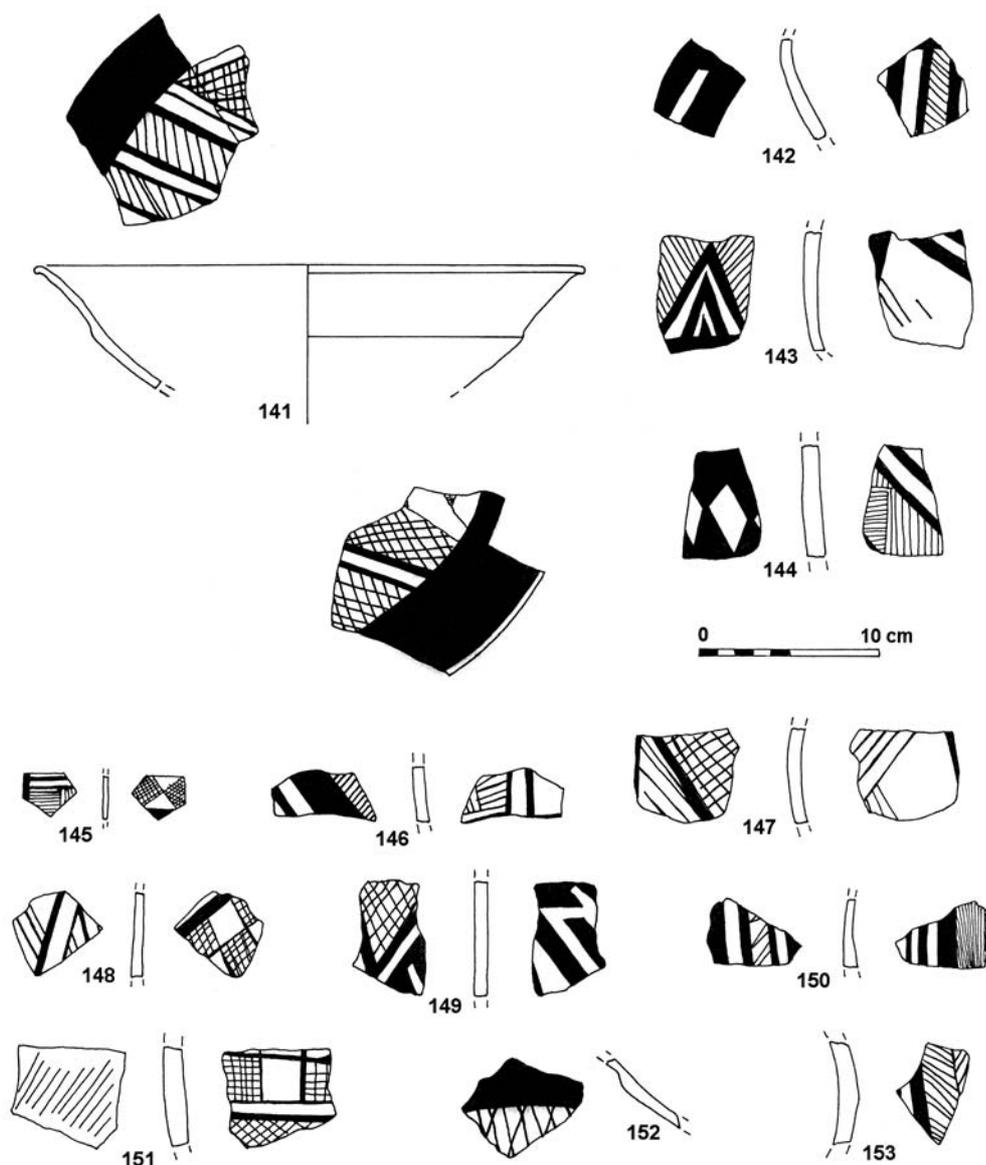


Fig. 10 Santa Margarida - cerâmica com decoração brunida no interior e no exterior (141 a 151), só no interior (152) e só no exterior (153).

Predominam as pegas com um mamilo ou mamilos duplos, mas alongadas em qualquer dos casos. Apresentam-se, por vezes, com uma ou duas perfurações verticais (Fig. 6). Dois fragmentos apresentam pegas de prensão no bordo (Fig. 5, n.ºs 59 e 62), enquanto em outros dois se podem observar, no bojo, cordões aplanados em relevo (Fig. 5, n.ºs 58 e 61), que se poderão considerar, porventura, como fazendo parte de pegas ou asas. Há, ainda, a acrescentar um vaso com decoração pintada (de vermelho tinto) no exterior e no interior (Fig. 5, n.º 60) e um outro decorado com linhas incisadas no exterior, junto ao bordo (Fig. 5, n.º 57).

2.2. Crespa

O povoado da Crespa, que se encontra inédito, situa-se na freguesia de Santa Maria (Serpa) e tem as seguintes coordenadas geográficas 37° 51' 39" N; 7° 38' 39" W Gr.

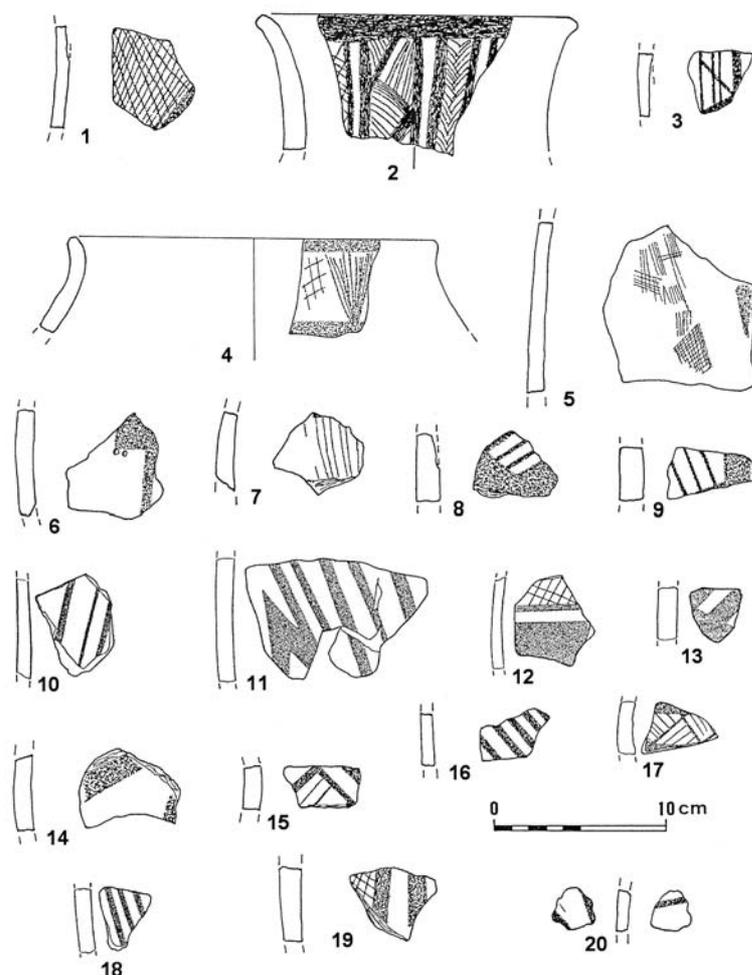


Fig. 11 Cerâmica com decoração brunida proveniente dos povoados da Crespa (1 a 3), da Misericórdia (4 a 9), de S. Brás 1 (10) e do Passo Alto (11 a 20). O n.º 10 segundo Parreira, 1983, Fig. 12.

Trata-se de um dos grandes povoados muralhados existentes junto ao Guadiana. A linha de muralha, ainda com alguns metros de altura, reconhecível em todo o seu perímetro, excepto no troço correspondente à margem escarpada do rio, é construída com blocos de xisto e protege uma área de cerca de 4 ha. Como é habitual em muitos destes povoados, nem toda a área seria de habitat propriamente dito, uma vez que apenas junto à muralha sul foram encontrados artefactos (cerâmica, mós, percutores e um elemento de foice em quartzito).

Da cerâmica observada ou recolhida na Crespa pode concluir-se que toda ela, feita à mão, pode ser atribuível ao Bronze Final. Destacam-se três fragmentos com decoração brunida no exterior dos vasos (Fig. 11, n.ºs 1 a 3), entre eles o magnífico exemplar também representado na Fig. 12. Verifica-se que, neste, às superfícies lhas foi aplicado um engobe sépia, o qual foi objecto



Fig. 12 Bordo com decoração brunida proveniente do povoado da Crespa.

de brunido total no interior da boca e no exterior do lábio e de traços brunidos, agrupados em faixas verticais e oblíquas, ou não agrupados preenchendo obliquamente ou em retícula ou em espiga alguns dos espaços definidos por essas faixas. Deste povoado provém também um fragmento de cerâmica com pintura (vermelho tinto) no interior e no exterior, notando-se que naquele a decoração engloba uma retícula delimitada superiormente por uma faixa larga com a qual parece fazer um ângulo agudo uma outra faixa ou traço (Fig. 13, n.º 2).

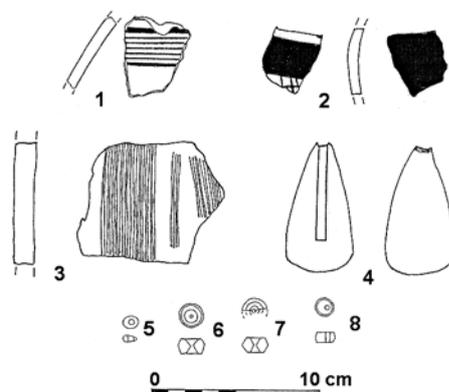


Fig. 13 1 - cerâmica pintada (vermelho tinto) do povoado da Serra Alta; 2 - cerâmica pintada (vermelho tinto) da Crespa; 3 - cerâmica com decoração penteada do Álamo; 4 - objecto em cerâmica do Álamo de funcionalidade desconhecida; 5 - conta de colar de vidro azul do Passo Alto; 6, 7 e 8 - contas de colar bitroncónicas de quartzo do Álamo. A n.º 7 foi objecto de análise química para identificação do tipo de material usado (ver, neste volume, o estudo efectuado pelo Dr. António A. Huet de B. Gonçalves).

2.3. Misericórdia

O povoado da Misericórdia ou da Azenha da Misericórdia fica situado na freguesia de Santa Maria (Serpa), tendo já sido objecto de uma publicação (Soares, 1996). Correspondem-lhe as seguintes coordenadas: 37° 54' 04" N; 7° 38' 25" W Gr.

Tal como o povoado da Crespa, situa-se junto ao Guadiana. Ocupa duas colinas xistosas — uma, de cota mais elevada, perpendicular ao rio e outra contígua, a menor cota, paralela ao mesmo rio. Na primeira é visível um muro (muralha?), ao qual, pelo seu lado exterior, se encostariam diversas fornalhas metalúrgicas. Na outra, junto ao topo da margem escarpada do Guadiana, são visíveis os restos de uma possível fornalha ou de uma torre vitrificada (só uma escavação arqueológica permitirá uma identificação precisa).

O espólio recolhido em toda a área do povoado é atribuível, na quase totalidade, ao Bronze Final e à II Idade do Ferro. Um fragmento de uma tégula e um fragmento de um *dolium* decorado com impressões paralelas de corda, apontam também para uma ocupação curta e restrita durante a época romana ou tardo-romana.

Entre a cerâmica encontrada, atribuível ao Bronze Final, na sua totalidade feita à mão, notam-se as pegas mamilares de grandes dimensões, os vasos carenados e os fundos planos ou com *omphalos* (ver Soares, 1996, Figs. 3 e 4). Destacam-se, ainda, os fragmentos com decoração brunida (Fig. 11, n.ºs 4 a 9) e, dentro destes, os de pastas e superfícies vermelhas (Fig. 11, n.ºs 4, 5 e 7), o que não é vulgar neste tipo de cerâmica.

2.4. S. Brás 1

S. Brás 1 é um dos raros povoados que, nesta região, foi objecto de escavações arqueológicas, embora de âmbito muito reduzido (Parreira, 1983). Situa-se também na freguesia de Santa Maria (Serpa) e tem como coordenadas geográficas as seguintes: 37° 54' 12" N; 7° 37' 01" W Gr.

O Cerro dos Castelos de São Brás ou S. Brás 1 é um povoado muralhado com uma ocupação do Calcolítico Pleno/Final. Um conjunto de estratos mais superficiais corresponde a um horizonte de ocupação datado “*pela presença de cerâmica de ornatos brunidos, vasos carenados e mamilos duplos, na parede externa de alguns vasos, [que] assinalam no povoado o final da Idade do Bronze*” (Parreira, 1983, p. 153-154).

Ignora-se a extensão desta ocupação do Bronze Final e se o Cerro de São Brás estaria, nessa altura, fortificado. Os taludes que o circundam no lado norte poderão datar da primeira ocupação do Calcolítico ou desta última, ou embora datando do Calcolítico poderiam estar funcionais no Bronze Final. A área muito reduzida do povoado que foi objecto da intervenção arqueológica torna impossível a resposta a estas questões.

Na Fig. 11, n.º 10 encontra-se representado o único fragmento de cerâmica com ornatos brunidos que S. Brás 1 forneceu, o qual foi encontrado em escavação.

2.5. Passo Alto

O povoado do Passo Alto, com as coordenadas 37° 53' 33" N; 7° 16' 58" W Gr, situa-se na freguesia de Vila Verde de Ficalho, Serpa.

Prospecções superficiais e escavações arqueológicas (Soares, 2003) permitiram atribuir uma cronologia dentro do Bronze Final do Sudoeste à única ocupação deste povoado. Situado na confluência da ribeira de Vidigão com o rio Chança, é constituído por dois núcleos, separados por cerca de 250 metros onde os vestígios arqueológicos parecem ser inexistentes. As boas condições naturais de defesa são complementadas por uma muralha na zona de mais fácil acesso ao povoado. Esta é, na sua base, feita de terra calcada com pequenas pedras de xisto, delimitada na sua face externa por um murete de pedras sobrepostas e na face interna por lajes de xisto colocadas de cutelo. A esta base de terra calcada deviam sobrepor-se blocos de xisto, como é sugerido pela constituição dos derrubes. Adossada à face interna da muralha, existe uma possível plataforma construída também com terra calcada com pequenas pedras, tal como a base daquela. Um campo de cavalos de frisa, no exterior da muralha, constitui uma linha de defesa adicional, junto do provável local da entrada do povoado, e torna este sistema defensivo, com esta cronologia, único no Sudoeste. Também com um carácter invulgar existe, na área da provável entrada do povoado, uma zona coberta de pedras vitrificadas, que tem sido interpretada como restos de operações metalúrgicas (Soares, 1988, 2003), mas que também poderá constituir os restos de uma vitrificação total ou parcial de um pequeno troço da muralha (Díaz-Martínez et al., 2004). Sendo esta última interpretação a correcta, então a muralha seria também construída com blocos de xisto e madeira que, ao arder, deu origem às referidas pedras vitrificadas.

Além de alguma cerâmica de revestimento, foi recolhida, quer em prospecção superficial, quer em escavação arqueológica, diversa cerâmica, cujas formas e tratamento de superfícies (Soares, 2003, Figs. 15-18) levam a situar cronologicamente a ocupação do Passo Alto no Bronze Final. As cerâmicas com decoração brunida (Fig. 11, n.ºs 11 a 20) apresentam esta decoração na face externa (9 exemplares) ou em ambas as superfícies (1 exemplar: Fig. 11, n.º 20).

Destaca-se, também, uma conta em vidro azul (Fig. 13, n.º 5) com paralelos muito similares na necrópole da Atalaia (Schubart, 1975).

2.6. Serra Alta

O povoado da Serra Alta (Sobral da Adiça, Moura) é um dos povoados de altura do Bronze Final na margem esquerda do Guadiana. Correspondem-lhe as coordenadas geográficas 38° 03' 46" N; 7° 20' 06" W Gr. Foi objecto de uma primeira publicação por Parreira e Soares (1980).

Conjuntamente com o vizinho povoado do Álamo domina um dos corredores de passagem entre a bacia do Chança e a do Ardila (ver Figs. 14 e 15). As vertentes escarpadas ocidental e norte da Serra Alta — o troço terminal noroeste da Serra da Preguiça — proporcionam-lhe protecção, enquanto que na vertente oriental, menos íngreme, alguns desníveis entre plataformas poderão esconder ou ser indícios de um sistema artificial de defesa.

Alguns artefactos recolhidos em prospeção superficial apontam para uma primeira ocupação do Neolítico Médio/Final (ver, por exemplo, Parreira e Soares, 1980, Fig. 13, n.º 19) e uma segunda, a mais extensa e que tem fornecido mais espólio, atribuível ao Bronze Final. Alguns fragmentos de tégulas e de cerâmica comum apontam para uma última ocupação, de âmbito espacial muito restrito, da época romana ou tardo-romana.

Entre os artefactos de pedra atribuíveis ao Bronze final encontram-se vários elementos de foice, obtidos a partir de lascas de quartzito, a maior parte deles, e os denominados pesos de rede (que serão, mais provavelmente, pesos de tear) (Parreira e Soares, Fig. 10, n.ºs 1 a 8). O tratamento das



superfícies de muita da cerâmica encontrada, as pegas mamilares alongadas, os vasos (taças e tigelas) carenados e a cerâmica de ornatos brunidos apontam para uma presença forte de populações do Bronze Final do Sudoeste.

Fig. 15 O povoado da Serra Alta (indicado pela seta) visto do povoado do Álamo. Entre eles um dos corredores de ligação entre as bacias do Chança e do Ardila. Em último plano, as terras férteis do Baixo Ardila.

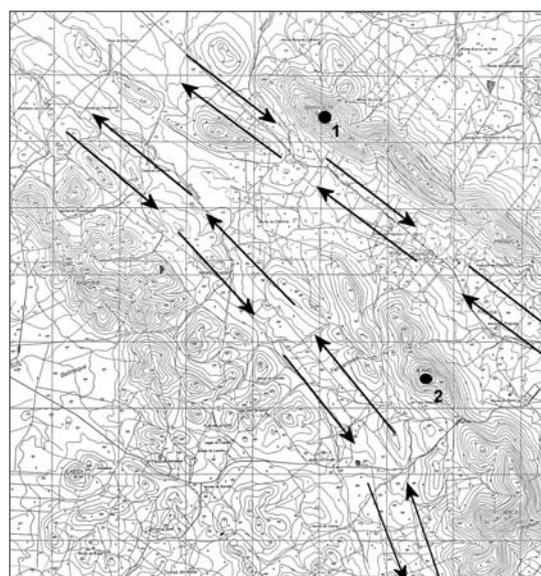


Fig. 14 Localização dos povoados da Serra Alta (1) e do Álamo (2), com indicação dos corredores de ligação entre a bacia do Chança e o Baixo Ardila. Base cartográfica: Carta Militar de Portugal, Esc. 1:25 000, Folhas 524 e 513, Serviços Cartográficos do Exército, 1992 e 1989, respectivamente.

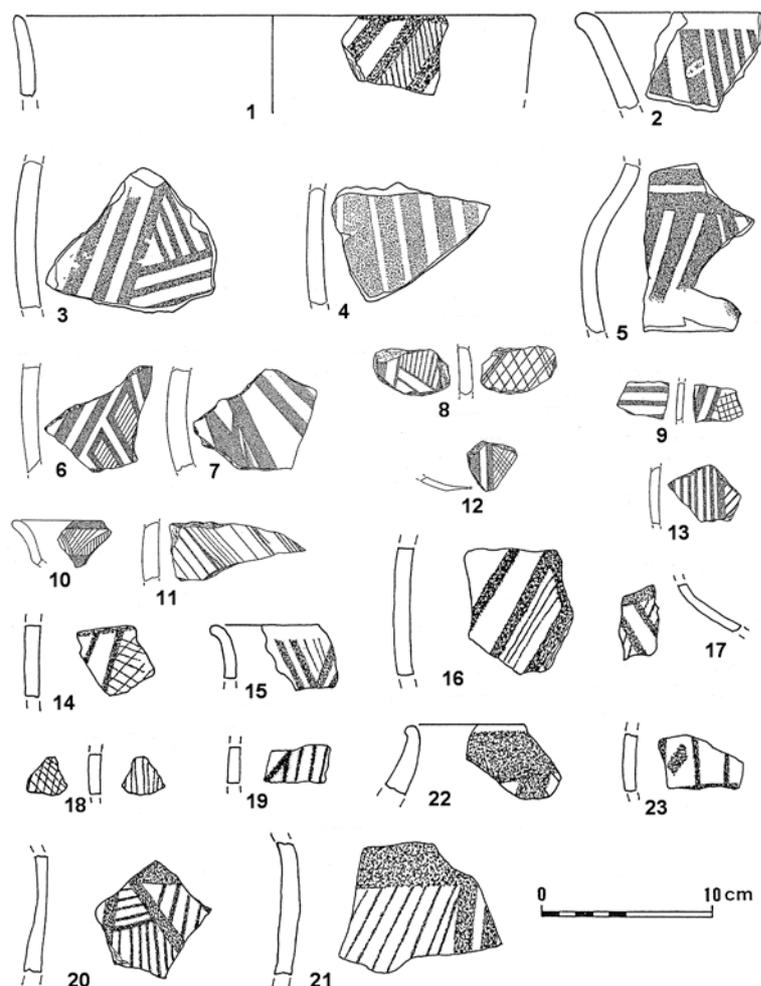


Fig. 16 Cerâmica com decoração brunida proveniente dos povoados da Serra Alta (1 a 5), dos Ratinhos (6 a 13), do Álamo (14 a 21), de S. Gens (22) e da Quinta do Pantufo (23). Os n.ºs 6 a 13 (Ratinhos) segundo Gamito, 1990-1992, Fig. 5.

Na Fig. 16, n.ºs 1 a 5 encontram-se representados os exemplares de cerâmica de ornatos brunidos — todos eles com decoração na superfície exterior — até agora encontrados na Serra Alta. Deverá acrescentar-se o aparecimento de um único exemplar de cerâmica com decoração pintada (riscas paralelas de diferente largura, de cor vermelha tinto) (Fig. 13, n.º 1).

2.7. Álamo

O povoado do Álamo, situado no cume da Serra do mesmo nome, que mais não é que o prolongamento para o norte da Serra da Adiça, domina, como já foi referido, conjuntamente com o povoado da Serra Alta, um corredor de passagem entre a bacia do Chança e os campos férteis do Baixo Ardila. Mas, além desse corredor, pode considerar-se que também domina um outro corredor paralelo existente entre a Serra do Álamo e a Serra de Belmeque (ver Fig. 15). Tal como o povoado da Serra Alta, é um povoado de altura, embora de menor dimensão em área, não sendo evidente qualquer sistema de defesa artificial. Administrativamente situa-se na freguesia de Sobral da Adiça, concelho de Moura, e tem as seguintes coordenadas geográficas: 38° 01' 38" N; 3° 19' 04" W Gr.

O povoado do Álamo, que se encontrava inédito, foi descoberto por José Correia e Manuela de Deus, arqueólogos, na altura em serviço na Extensão do IPA de Castro Verde, que, além disso, puderam cartografar o local (Fig. 17) da descoberta do tesouro do Álamo (sobre este tesouro veja-se, por exemplo, Armbruster e Parreira, 1993, Cat. 18-20, 67), situado a poucas centenas de metros da zona de habitat e, com certeza, com ele relacionado.

Curiosamente, no povoado foram encontradas três contas de colar em quartzo (ver, neste volume, a identificação e estudo de uma delas pelo Dr. António A. Huet de B. Gonçalves), representadas na Fig. 13, n.ºs 6 a 8, bem como dois estranhos objectos cónicos em cerâmica, com um furo cilíndrico que parte do vértice sem atingir a base (ver Fig. 13, n.º 4, onde se encontra representado um destes objectos), para os quais não se encontraram paralelos. Todos estes artefactos, conjuntamente com o célebre tesouro, parecem apontar para um carácter especial deste povoado ligado, porventura, à riqueza da elite dominante naquela área e/ou às redes de intercâmbio com o sul da Península (Huelva e/ou Guadalquivir).

Da cerâmica recolhida atribuível ao Bronze Final do Sudoeste destacam-se os vasos carenados, as grandes pegas mamilares, os fundos planos, bem como a cerâmica decorada com ornatos brunidos no exterior (Fig. 16, n.ºs 14-16, 19-21), no interior (Fig. 16, n.º 17) e no interior e no exterior (Fig. 16, n.º 18). Foi, também, recolhido um fragmento de cerâmica com decoração “penteadada” (Fig. 13, n.º 3), tipo de decoração até agora único nestes povoados do Bronze Final do Sudoeste, na margem esquerda do Guadiana.

Deverá, por fim, acrescentar-se que na vertente sudoeste do Álamo, mas fora da área ocupada pelo povoado, tem sido encontrado diverso material lítico (núcleos de lamelas, lamelas, restos de talhe) de uma rocha siliciosa de cor castanho-acinzentada, além de alguns fragmentos de instrumentos de pedra polida em anfíbolito, que parecem apontar para uma ocupação esporádica e, porventura, sazonal de uma população do Calcolítico, que teria utilizado o local como uma “oficina” de talhe.

2.8. Ratinhos

O Castro dos Ratinhos e designadamente a sua cerâmica de ornatos brunidos foram, primeiramente, dados a conhecer por Frago de Lima (1960). O povoado situa-se sobre uma colina imponente, o Outeiro dos Castelos, junto ao Rio Guadiana, na sua margem esquerda. Pertence ao concelho de Moura e tem as seguintes coordenadas geográficas: 38° 11' 42" N; 7° 29' 15" W Gr. Tal como os outros povoados do concelho de Serpa situados na própria margem do Guadiana, encontra-se fortificado por muralhas aparentemente construídas com blocos de xisto sobrepostos.

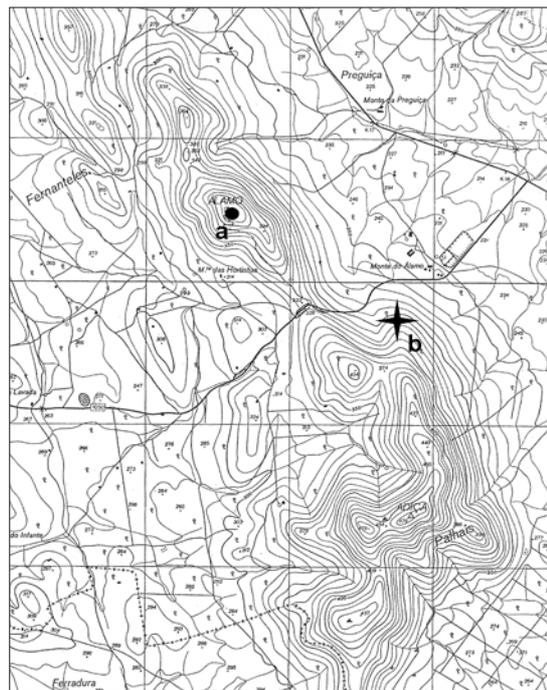


Fig. 17 Localização do povoado do Álamo (a) e do sítio onde foi encontrado o célebre tesouro do Álamo (b). Base cartográfica: Carta Militar de Portugal, Esc. 1:25 000, Folha 524, Serviços Cartográficos do Exército, 1992.

Gamito (1990-1992) publicou algumas das cerâmicas com decoração brunida recolhidas no Castro dos Ratinhos e que se reproduzem na Fig. 16, n.ºs 6-13. Dois dos fragmentos são decorados no interior e no exterior (Fig. 16, n.ºs 8 e 9), enquanto os restantes seis apenas no exterior, embora no que se refere ao n.º 12, se corresponder a um fundo, seja estranho que apresente uma decoração que se tenha conservado no exterior desse fundo plano.

Deverá notar-se que Fragoso de Lima parece referir-se a um maior número de fragmentos de cerâmica com esta decoração do que aqueles publicados por Teresa Gamito, apresentando mesmo uma fotografia de nove cacos com decoração de ornatos brunidos (Lima, 1960, Lâmina 1). Apesar da má qualidade da fotografia, facilmente se verifica que, pelo menos, a maior parte deles, se não a totalidade, não corresponde aos desenhados por Gamito (1990-1992, Fig. 5). Por outro lado, Fragoso de Lima afirma que (p. 235) a decoração “*se presenta indistintamente sobre el exterior o el interior de las vasijas*” e mais adiante “*algunos fragmentos de estas cerámicas presentan decoración por ambos lados (dibujos en negro sobre fondo ceniciento)*”.

2.9. Laço

O povoado do Laço situa-se também sobre a margem do Guadiana, na freguesia de Brinches, concelho de Serpa. Corresponde-lhe as coordenadas 38° 03' 20" N; 7° 38' 48" W Gr.

Foi dado a conhecer no levantamento arqueológico do concelho de Serpa (Lopes, Carvalho e Gomes, 1997, p. 26). Possui uma “*linha de muralha, com cerca de 2 metros de largura, constituída por blocos de xisto; circunda todo o povoado, só desaparecendo na escarpa virada ao Guadiana, abrangendo uma área aproximada de 60000 m²*”.

Em prospecção superficial foram recolhidos diversos artefactos atribuíveis ao Bronze Final, embora não seja mencionado qualquer exemplar cerâmico com decoração de ornatos brunidos (Lopes, Carvalho e Gomes, 1997, p. 26).

2.10. Casa Branca 1

O sítio arqueológico de Casa Branca 1, tal como o sítio de Santa Margarida, situa-se junto a uma linha de água, a ribeira do Enxoé (margem direita), numa zona aplanada de muito fácil acesso, não aparentando qualquer tipo de defesa. Pertence à freguesia de Santa Maria (Serpa), com as coordenadas geográficas: 37° 59' 51" N; 7° 36' 33" W Gr. (note-se que no levantamento arqueológico do Concelho de Serpa – Lopes, Carvalho e Gomes, 1997, p. 36 – este sítio arqueológico encontra-se erradamente cartografado).

Foi recolhida à superfície diversa cerâmica, a maior parte dela algo rolada, mas que permite identificar facilmente duas ocupações distintas – uma atribuível ao Calcolítico (pratos de bordo “almendrado” e crescentes, por exemplo); a outra do Bronze Final (grandes pegas mamilares, tigelas carenadas, superfícies brunidas e com decoração brunida).

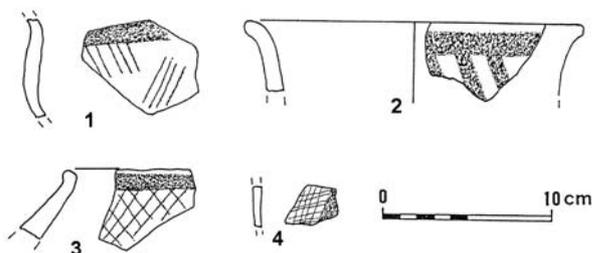


Fig. 18 Cerâmica com decoração brunida proveniente do povoado de Casa Branca 1.

Na Fig. 18 encontram-se representados os quatro fragmentos de cerâmica com decoração brunida no exterior encontrados neste sítio arqueológico. Deverá notar-se que, enquanto na área aplanada, onde se devia localizar o “povoado”, os poucos fragmentos de cerâmica aí encontrados apresentam pouco ou nenhum rolamento, os encontrados na vertente suave, intensamente agri-cultada, entre aquela zona e a ribeira do Enxoé encontram-se, normalmente, muito rolados, o que poderá ter originado o desaparecimento de eventuais decorações brunidas que alguns deles apresentassem.

2.11. *Quinta do Pantufo*

O povoado da Quinta do Pantufo localiza-se na freguesia de Santa Maria, Serpa, com as coordenadas 37° 59' 05" N; 7° 37' 21" W Gr. Ocupa um pequeno cabeço da margem esquerda da ribeira do Enxoé, sendo delimitado por um talude, o qual é totalmente perceptível no lado mais afastado da ribeira.

Os artefactos recolhidos, desde os líticos (percutores e pesos de rede), passando pela cerâmica, toda ela manual — cerâmica de revestimento, grandes pegas mamilares, fundos de base plana, tijelas carenadas, superfícies brunidas e um exemplar com decoração brunida no exterior (Fig. 16, n.º 23) — apontam para uma cronologia, da única ocupação que o local sofreu, dentro do Bronze Final do Sudoeste.

2.12. *Moitão d'Altura (Alpedrede 3)*

O povoado do Moitão d'Altura ou de Alpedrede 3, até agora inédito, situa-se na freguesia de S. Salvador, Serpa, e tem as coordenadas 37° 54' 30" N; 7° 33' 25" W Gr.

O povoado ocupa a área sul de uma colina aplanada junto a um pequeno curso de água, o barranco de Alpedrede, área essa delimitada a oeste, sul e este por um talude.

Além de um elemento de foice em quartzito foram encontrados alguns fragmentos de cerâmica, entre eles um bordo carenado de uma taça, um mamilo alongado e fragmentos de bojos de vasos, alguns deles com a superfície ou superfícies brunidas.

Estes artefactos indiciam uma cronologia dentro do Bronze do Sudoeste, provavelmente do Bronze Final.

2.13. *S. Gens*

O possível povoado de S. Gens, também inédito, ocuparia parte da colina do mesmo nome, onde actualmente se ergue a Ermida de Nossa Senhora da Guadalupe. Situa-se, por conseguinte, na freguesia de S. Salvador, Serpa, e tem como coordenadas: 37° 55' 45" N; 7° 35' 34" W Gr.

A construção da Ermida e da Pousada de S. Gens, bem como a extracção de pedras de mármore para um forno de cal que aí teria existido, terão levado à destruição do povoado.

Na vertente este e sudeste foi encontrada diversa cerâmica, a maior parte muito rolada e in-característica. No entanto, foram recolhidos alguns bordos (de vasos hemisféricos feitos à mão), uma grande pega mamilar e um bordo de um vaso com decoração brunida externa (Fig. 16, n.º 22), o que permitiu atribuir uma cronologia do Bronze Final aos escassos restos sobreviventes deste povoado.

3. O Bronze Final do Sudoeste na margem esquerda do Guadiana – algumas reflexões

3.1. A cerâmica de ornatos brunidos – novos dados

As cerâmicas com decoração brunida, tal como as definiu Cunha Serrão (Serrão, 1959, 1970), constituem, sem dúvida, o tipo de cerâmica mais característico e, de certo modo, “definidor” do Bronze Final no Sudoeste, pelo menos da sua fase tardia, se se admitir a existência de uma primeira fase, Bronze Final I, como terá acontecido na península de Lisboa (Cardoso, 2000), em que a decoração brunida ainda não era usada.

Este tipo de decoração foi, pela primeira vez, identificado em Portugal por Cunha Serrão, que descreve correctamente as diversas combinações que os motivos brunidos podem apresentar (Serrão, 1970, p. 281):

- “1 – Feixes de linhas equidistantes paralelas, cruzando-se com outros feixes semelhantes (rede).
- 2 – O padrão mostra, por vezes, variantes: ou porque os feixes se apresentam em grupos separados uns dos outros, ou pela introdução de faixas brunidas, em certos casos formando remates horizontais de larguras diversas.
- 3 – Faixas paralelas, preenchidas por linhas ou por faixas mais estreitas perpendiculares ou oblíquas às faixas limitantes.
- 4 – Linhas e faixas em ziguezague, formando triângulos ou losangos, preenchidos, como no padrão anterior, ou totalmente polidos [brunidos] dentro das faixas e linhas limitantes.
- 5 – Alinhamentos de segmentos de rectas oblíquas ou verticais, ou em XX, contornando a superfície exterior da zona de diâmetro máximo dos recipientes.”

Além disso, Cunha Serrão observa que os ornatos brunidos se verificam no exterior dos vasos provenientes dos sítios arqueológicos portugueses, sendo aí frequentes os tipos 3 a 5 atrás descritos, enquanto que nos provenientes do Sudoeste espanhol predominam os tipos 1 e 2 (daí a denominação de “retícula bruñida”), os quais se verificam exclusivamente no interior dos vasos. Observa também que “os ornatos dos exemplares portugueses são mais ricos do que os das estações andaluzas, quanto à quantidade de elementos decorativos empregados e suas combinações” e que as formas decoradas no Sudoeste português são diferentes das do Sudoeste espanhol.

Neste, “la técnica consiste en el diseño de motivos lineales sencillos, realizados probablemente con un punzón de madera u objeto similar sobre la superficie aún blanda de la arcilla. En casi todos los ejemplos el dibujo se realiza sobre una superficie alisada mate, con objeto de que destaque. Pero también hay fragmentos en los que el motivo bruñido se ejecuta sobre una superficie también bruñida, que es frecuente en las cerámicas del Guadalquivir. Otras veces, la ejecución tiene lugar sobre un engobe previamente aplicado. En el bajo Guadalquivir los motivos son más reducidos y persistentes, limitando-se, en la mayoría de los casos, a la distribución de cuatro cuadrantes rellenos de rombos. Una diferencia, en relación a Huelva, estriba en que la cruz griega que separa los cuatro espacios triangulares se bruñe, mientras que en Huelva este espacio queda en reserva” (Ruiz Mata, 1979, p. 8, 9). Os motivos geométricos brunidos da cerâmica de Huelva e do Guadalquivir apresentam-se sempre no interior de formas abertas (taças ou tigelas carenadas ou, mais raramente, tigelas não carenadas hemisféricas).

As descrições de Cunha Serrão e de Ruiz Mata podem considerar-se, ainda hoje, como essencialmente correctas e abrangentes. Outros investigadores, em estudos de conjunto sobre as cerâmicas com decoração brunida, pouco têm contribuído para uma alteração da panorâmica estabelecida por aqueles dois arqueólogos, a não ser pelo acrescentar de novos sítios que têm fornecido

esta cerâmica. López Roa (1977) tinha, entretanto, chamado a atenção para o facto da cerâmica com decoração brunida apresentar uma maior uniformidade tipológica e aparecer em muito maior número no Sudoeste espanhol comparado com o que acontece no Sudoeste português. Teresa Gamito (1990-1992, 1997) define uma nova tipologia: um Tipo A, correspondente às cerâmicas com decoração brunida no exterior, constituída por “*vasos de formas altas e cónicas, com carena alta*” e um Tipo B constituído por “*taças abertas, com carena alta e bordos ligeiramente extravasados para fora*”, com decoração no exterior (Tipo B1) ou no interior (Tipo B2), este com duas variantes — Huelva e Guadalquivir, ou no exterior e no interior, simultaneamente (Tipo B3). Os Tipos A e B1 encontram-se-iam no Sudoeste português, o B2 no Sudoeste espanhol e o B3 nas áreas de transição das zonas nucleares do Sudoeste espanhol para as do Sudoeste português, designadamente no Baixo e Alto Alentejo, no Algarve e na Estremadura espanhola. Bubner (1996, p. 70) define, por seu lado, para a cerâmica de sítios portugueses, um estilo tipo “Lapa do Fumo”, “*caracterizado por bandas largas e vastas zonas decoradas*”, e um estilo tipo “Alpiarça”, “*onde as zonas de decoração se limitam a estreitas faixas no bojo ou junto do bordo*”. Por outro lado, ainda, Gibson et al. (1998) ao descreverem as cerâmicas com decoração de ornatos brunidos do Alto do Castelinho da Serra (Évora), afirmam (p. 204): “*The interior burnished decoration is more subtly executed than that on the exterior, and can only be recognised in good light conditions. With the exception of two shaped jars, pattern-burnished decoration on both exterior and interior vessel walls is reserved for open hemispherical and high carinated bowls*”.

Se se atentar nestas descrições parece poder deduzir-se que, dentro do Sudoeste peninsular ibérico, existem duas regiões nucleares para estas cerâmicas: as penínsulas de Lisboa e Setúbal, do lado português, e as zonas de Huelva e do Guadalquivir, do lado espanhol, a que correspondem formas decoradas e motivos decorativos diferentes. Por outro lado, enquanto nos sítios arqueológicos portugueses estas cerâmicas aparecem em quantidades reduzidas — a Lapa do Fumo forneceu “*o primeiro e mais significativo conjunto até ao presente conhecido em Portugal*” (Cardoso, 1996), constituído apenas por 36 exemplares (Serrão, 1959, p. 348), o que representava, mesmo assim, a maior quantidade desta cerâmica que tinha aparecido, até agora, num único sítio do Sudoeste português — no Sudoeste espanhol as cerâmicas com decoração brunida (de “*retícula bruñida*”) aparecem normalmente em grandes quantidades — largas dezenas, quando não, várias centenas de exemplares, como, por exemplo, no Cabeço de S. Pedro, Huelva (Ruiz Mata, 1979, p. 4). Deverá notar-se que cerâmicas com ornamentação brunida, habitualmente no exterior dos vasos, aparecem também em quantidades muito razoáveis numa área periférica, na Beira Interior, não integrável no Sudoeste: 37 exemplares no povoado do Monte do Frade, 59 no de Alegrios e 109 no da Moreirinha (Vilaça, 1995, p. 278). Além disso, são perceptíveis variedades e particularidades regionais. As diferenças entre as decorações das cerâmicas de Huelva e do Guadalquivir são bem conhecidas; a norte do Tejo prevalece o estilo “Alpiarça” de Bubner (também a combinação de motivos n.º 5 de Cunha Serrão); na península de Setúbal o estilo “Lapa do Fumo”; por fim, um “estilo” misto, com decoração simultânea no exterior e no interior dos vasos, no Algarve, no Alentejo, na Estremadura espanhola e, mesmo, na Beira Interior, no povoado de Alegrios, por exemplo (Vilaça, 1995, p. 205; 1996, p. 361), embora não se possa de modo algum dizer que é esse “estilo” misto que predomina nessas regiões. Note-se que, quer os autores espanhóis, quer os portugueses, indicam sempre excepções naquelas áreas consideradas nucleares (alguns exemplares com decoração no exterior no Sudoeste espanhol — por ex., em Huelva (Ruiz Mata, Blázquez Martínez e Martín de la Cruz, 1981) ou em El Carambolo, “povoado baixo” (Ruiz Mata, 1979); com decorações no interior nas bacias terminais do Tejo e do Sado — por ex., Quinta do Marcelo, Almada (Barros, 1996, 1998).

Como já foi referido, no sítio de Santa Margarida foram encontrados mais de centena e meia de fragmentos de cerâmica, toda ela feita à mão, com decoração brunida, o que torna,

desde logo, de interesse acrescido este sítio arqueológico no contexto do Bronze Final do Sudoeste português. Esta quantidade de cerâmica permite observar diversas particularidades do tipo de decoração em causa, designadamente no que se refere aos motivos e técnicas utilizados, bem como às formas cerâmicas a que foram aplicadas e, dentro destas, quais as zonas objecto de decoração.

Assim, foi possível verificar que é predominante a decoração nas superfícies externas, seguindo-se-lhe os vasos decorados no exterior e no interior e, em menor número, aqueles decorados apenas no interior, numa proporção de 11:2:1, respectivamente (numa população de 156 elementos).

Observa-se que as decorações brunidas, em muitos casos, constituem impressões muito tênues, só devidamente visíveis (actualmente) com uma determinada inclinação em relação à luz incidente, e que são facilmente erodidas, mesmo numa simples lavagem. Os motivos geométricos das decorações poderão ser constituídos só por traços brunidos ou só por faixas brunidas ou por uma combinação de ambos. As faixas podem ter sido realizadas por uma ponta ou superfície romba da largura da faixa (o mais vulgar) ou por um conjunto de traços dispostos muito juntos, formando a faixa, como nos exemplares 105 (Fig. 8) ou 123 (Fig. 9) ou no magnífico exemplar do povoado da Crespa da Fig. 12. Os brunidos podem ter sido realizados em superfícies que previamente foram simplesmente alisadas ou polidas ou engobadas, apresentando-se o engobe normalmente polido. Predominam as cores castanhas e cinzentas, usualmente de tonalidades escuras, enquanto que os traços e as faixas são, como é evidente, mais brilhantes que o resto da superfície e de tonalidades ainda mais escuras, embora, por vezes, só se distingam pelo seu brilho e, em casos raros, por serem levemente mais claros que a superfície onde foram realizados.

As combinações dos motivos brunidos são muito diversas, mas predominam as combinações de faixas brunidas com traços brunidos formando estes redes ou conjuntos de paralelas ou entrelaçados ou espigas. Quando a decoração é só de faixas (como parece ser em alguns casos), estas formam linhas quebradas ou ângulos agudos, acompanhados de faixas paralelas aos lados (Fig. 8, n.ºs 99 e 102), ou podem formar mesmo losangos em reserva (Fig. 10, n.º 144). Por sua vez, as decorações só de traços, além de redes ou reticulados que cobrem uma zona do vaso (Fig. 9, n.ºs 128 e 129), podem também formar triângulos (Fig. 9, n.º 127) ou losangos (Fig. 9, n.º 139) ou resumirem-se a traços paralelos. Por vezes, estes atingem uma certa profundidade, como na superfície interna bem polida (ou brunida?) do exemplar 151 da Fig. 10, o que levanta a dúvida se se devem considerar, nestes casos, que são raros, como traços incisos ou traços brunidos.

Dada a fragmentação da cerâmica recolhida, é difícil inferir se as superfícies decoradas o são na totalidade ou o são apenas em determinadas zonas. A taça 128 (Fig. 9) terá, com certeza, apenas sido decorada entre o lábio e a carena, na superfície externa, mas já o suporte 120 (Fig. 9), os vasos 121 e 122 ou a taça 125 da Fig. 9 ou o grande vaso 95 da Fig. 8 terão tido, muito provavelmente, toda a superfície externa (com a possível excepção do fundo) decorada. O mesmo se dirá dos vasos, necessariamente abertos, com decoração no interior ou no interior e no exterior, os quais apresentariam uma decoração a cobrir totalmente as respectivas superfícies. Deverá sublinhar-se que, nestes vasos, os lábios apresentam-se brunidos e a decoração é constituída por motivos complexos de faixas e traços brunidos, similares aos encontrados nas decorações só exteriores e muito diferentes do que é usual nas cerâmicas do Sudoeste espanhol, mesmo nas do Guadalquivir, as que mais se aproximariam destas.

Por fim, deverá notar-se que a decoração brunida, se se aplica a vasos de paredes finas ou muito finas, como sejam os pratos, as taças e as tigelas, habitualmente carenadas, é também aplicada a grandes vasos (de provisões, pelo menos alguns deles), como a espessura (1 a 2 cm) das paredes deixa prever.

Esta diversidade de tipos e técnicas de decoração brunida que atrás se descreveu para o sítio de Santa Margarida encontra-se, também, nos outros povoados da margem esquerda portuguesa do Guadiana (Figs. 11, 16 e 18), embora a quantidade de exemplares encontrados seja muito menor. Essa quantidade menor não resulta de um trabalho de prospecção superficial menos sistemático (apenas o povoado do Laço e do Moitão d'Altura foram objecto de uma prospecção incipiente, enquanto que, pelo contrário, S. Brás 1 e o Passo Alto já foram objecto de sondagens/escavações arqueológicas), mas estará, antes, relacionada com alguma função especial ligada ao próprio sítio de Santa Margarida. Apesar dessa menor quantidade, nesses outros povoados também foram encontrados exemplares de vasos de cerâmica decorados apenas no interior (no Álamo, Fig. 16, n.º 17), ou no interior e no exterior (no Passo Alto, Fig. 11, n.º 20; nos Ratinhos, Fig. 16, n.ºs 8 e 9; no Álamo, Fig. 16, n.º 18), predominando, no entanto e como seria expectável, as decorações apenas no exterior. Deverá, por outro lado, notar-se que, como já foi anteriormente referido, no povoado da Misericórdia foram encontrados três fragmentos de vasos com pastas e superfícies vermelhas (de um vermelho vivo) com decoração brunida no exterior (Fig. 11, n.ºs 4, 5 e 7), o que não é habitual neste tipo de cerâmica.

Comparando com o que se conhece nas regiões limítrofes da área em estudo, verifica-se que, com a excepção da grande quantidade desta cerâmica de Santa Margarida, o panorama parece ser idêntico ao que ocorre na denominada zona de transição entre as áreas nucleares do Bronze Final do Sudoeste, apesar do conhecimento muito fragmentário que ainda temos desta época nesta zona. Assim, no Algarve, na gruta de Ibn Amar (Lagoa) apareceu pelo menos um exemplar com decoração brunida no interior (Gomes, Cardoso e Alves, 1995, p. 38 e Fig. 12) e em Pontes de Marchil (Faro) apareceram também exemplares com decoração no interior (Monteiro, 1980, p. 43). No Alentejo, em Mangancha, Aljustrel (Schubart, 1971), nas Mesas dos Castelinho (Lima, 1960) e no túmulo da Nora Velha, Ourique (Gamito, 1990-1992), terão sido encontrados exemplares com decoração brunida na superfície exterior; em Neves II (Castro Verde) foi encontrada uma taça com decoração brunida no exterior e no interior (Maia e Maia, 1986, p. 17); no Outeiro do Circo, Beja (Parreira e Soares, 1980, Fig. 4), além de exemplares com decoração brunida no exterior, foi também recolhido um com decoração brunida no interior; no povoado da Cerradinha (Santiago do Cacém) dos seis exemplares com decoração brunida, cinco apresentam-na no exterior e um só no interior (Silva e Soares, 1978); no Castelo do Giraldo, Évora (Schubart, 1971), foram encontrados alguns fragmentos com decoração no exterior e na Corôa do Frade, Évora (Arnaud, 1979), dos 19 fragmentos de cerâmica com ornatos brunidos apenas um apresenta decoração no interior; o Alto do Castelinho da Serra, Évora, forneceu diversos exemplares decorados quer no exterior, quer no interior, quer no interior e no exterior (Gibson et al., 1998, p. 204 e Fig. 16) e, por fim, muito próximo da área em estudo, na outra margem do Guadiana, na Folha do Ranjão, foram encontrados três fragmentos com decoração brunida, apresentando-se dois com a decoração no interior e no outro no exterior (Faria e Soares, 1998, Fig. 4).

Se a semelhança entre o que ocorre com esta cerâmica proveniente destes povoados com o que ocorre com a proveniente dos sítios da margem esquerda do Guadiana é aparentemente grande, faltam, no entanto, estudos de conjunto e de pormenor, que abarquem regiões bem delimitadas e que permitam inferências mais precisas e mais fiáveis e, por conseguinte, mais interessantes e importantes. Se estudos deste tipo não existem para esta área do Sudoeste português, isso já não acontece para o Sudoeste espanhol, entre o Guadiana e o Guadalquivir. Gómez Toscano publicou a sua tese de doutoramento sobre as manifestações do Bronze Final entre aqueles dois rios e em que a problemática da cerâmica de decoração brunida ocupa lugar de destaque (Gómez Toscano, 1997), enquanto que Pérez Macías tem produzido diversos trabalhos de investigação sobre sítios e temas

arqueológicos da bacia do Chança e do Alto Ardila, isto é, da área que prolonga, em Espanha, a região em apreço neste trabalho. Entre os trabalhos publicados contam-se alguns sobre esta temática do Bronze Final e das cerâmicas com decoração brunida (veja-se, por exemplo, Pérez Macias, 1992, 1996).

Aqui, nesta zona de transição para a zona nuclear do Bronze Final do Sudoeste espanhol, os povoados da ribeira do Chança e dos Picos de Aroche (El Serrallo, Cerro del Castillo, Juana Núñez e Riscos del Castillo, por exemplo) forneceram cerâmicas em que a decoração brunida ocorre predominantemente no exterior dos vasos, enquanto que os da ribeira do Murtigão (“Rivera del Murtigas”), afluente do Ardila, situados, por conseguinte, a norte da bacia do Chança, apresentam (o da Sierra del Álamo e o da Sierra de la Lapa, entre outros) uma cultura material enquadrável no “Bronze Final Meridional”, isto é, naquele correspondente à zona nuclear do Sudoeste espanhol (Huelva e Guadalquivir). Surgem, aqui, taças decoradas com reticulados brunidos no interior e formas cerâmicas muito semelhantes às do sul andaluz.

Em resumo e comparando com o que é conhecido desta cerâmica e dos seus locais de proveniência poderá afirmar-se que:

- a) Existem dois grandes grupos no que se refere à decoração brunida — um em que a decoração é aplicada no exterior dos vasos e um outro em que a mesma se realiza no interior. O primeiro correlaciona-se com o Sudoeste português, com a possível excepção do Algarve; o segundo com o Sudoeste espanhol, com a excepção da bacia espanhola do Chança.
- b) Misturados com qualquer um dos grupos, existem vulgarmente, mas em quantidade diminuta, decorações filiáveis no outro grupo ou uma mistura dos dois, isto é, decorações no interior e no exterior, simultaneamente. Em nenhum caso conhecido se poderão deixar de considerar como excepções à regra, pelo que parece carecer de significado falar num Tipo B3 e relacioná-lo com as áreas de transição das zonas nucleares do Sudoeste espanhol para as do Sudoeste português.
- c) Dentro do grande grupo das decorações no interior dos vasos, deverá distinguir-se o tipo de Huelva do tipo do Guadalquivir, em que o primeiro se caracteriza pelos quadrantes que separam os motivos brunidos se apresentarem em reserva, enquanto no segundo se encontram brunidos. Estes dois tipos, que decoram formas abertas, apresentam-se em numerosos exemplares dentro do conjunto cerâmico recolhido nos diversos sítios arqueológicos datáveis do Bronze Final existentes no sul andaluz, na área de Huelva e do Guadalquivir, respectivamente.
- d) No outro grande grupo, o das decorações no exterior, também se poderão distinguir dois tipos: um que se tem denominado “Lapa do Fumo”, caracterizado pelos motivos brunidos, diversos e complexos, formando, por vezes, composições “barrocas” que ocupam toda ou a maior parte da superfície exterior dos vasos; no outro, denominado tipo “Alpiarça”, os motivos brunidos, simples (traços paralelos, em X ou formando triângulos), ocupam apenas uma zona limitada do vaso — uma faixa em volta da carena ou entre esta e o lábio. A qualquer destes tipos correspondem, normalmente, poucos exemplares dentro do conjunto cerâmico exumado nos correspondentes sítios do Bronze Final. Os motivos tipo “Lapa do Fumo” surgem na Península de Setúbal e estendem-se à Península de Lisboa e ao Alentejo; os do tipo “Alpiarça” surgem essencialmente a norte do Tejo.
- e) Durante o Bronze Final, o Sudoeste peninsular mostra uma grande variedade cultural no seguimento, aliás, do que já acontecia no Bronze Pleno e que se reflectia no polimorfismo das necrópoles dessa época. Agora, essa variedade manifesta-se nas formas cerâmicas e na sua decoração mais vulgar — a decoração brunida. Surgem, assim, particularismos decorativos

típicos correspondentes a regiões concretas — a variedade e complexidade, um barroquismo mesmo dessas decorações nas cerâmicas da margem esquerda do Guadiana são disso exemplo. O tipo de decoração no interior dos vasos, normalmente rica e complexa, que não tem paralelo próximo conhecido, a decoração de unicamente faixas brunidas em alguns exemplares, os brunidos vermelhos vivos, a ausência da combinação de motivos n.º 5 de Cunha Serrão, tudo isso aponta para a existência de um estilo sub-regional na margem esquerda portuguesa do Guadiana. Indícios ainda ténues e, por vezes, contraditórios, devido ao conhecimento ainda incipiente do Bronze Final em outras zonas do Sudoeste, apontam, contudo, para a existência de outros estilos sub-regionais na grande área de dispersão desta cerâmica.

3.2. Outras cerâmicas decoradas

A decoração das cerâmicas do Bronze Final do Sudoeste é, apesar de tudo, um fenómeno raro neste grande grupo de artefactos, a não ser que se considerem as pegas mamilares como desempenhando uma função de ornamentação e de prensão ou mesmo somente de ornamentação. Na realidade, o seu tamanho, normalmente muito maior que os mamilos que ornamentam a cerâmica pré-histórica, desde o Neolítico ao Bronze Pleno, além da frequência com que aparecem perfurados (um ou dois furos), apontam para uma função prática, o que não elimina, como é lógico, a sua possível função decorativa. Seja como fôr, não há dúvida que, muitas vezes, são estas grandes pegas mamilares que constituem o primeiro indício, relativamente seguro, de uma atribuição cronológica ao Bronze Final dos vestígios descobertos. É de notar que se as tigelas e taças carenadas, como as representadas com os n.ºs 51 a 55 na Fig. 5, com as superfícies brunidas, apontam para uma cronologia da Idade do Bronze, são as referidas pegas mamilares e a decoração brunida que permitem uma atribuição fiável ao Bronze Final (na ausência de artefactos orientalizantes ou de influência orientalizante).

Nos treze sítios arqueológicos do Bronze Final até agora identificados na margem esquerda portuguesa do Guadiana foi isso que aconteceu. Apenas nos povoados do Laço e do Moitão d'Altura não foram encontrados fragmentos cerâmicos com decoração brunida, mas a existência neles de grandes pegas mamilares acompanhadas de outros artefactos atribuíveis ao Bronze do Sudoeste levaram a atribuir-lhes uma cronologia dentro da fase final dessa época.

Se a decoração brunida se terá de considerar como relativamente rara na margem esquerda do Guadiana (com excepção do que acontece no sítio de Santa Margarida), outros tipos de decoração, que a poderão acompanhar no conjunto artefactual cerâmico do Bronze Final do Sudoeste, são ainda mais raros. É o caso da decoração pintada, em que é utilizada uma cor vermelha tinto, a lembrar as pinturas da cerâmica do Bronze Final do Guadalquivir, embora diferente. Até agora não foi encontrado mais do que um exemplar por sítio arqueológico e só em três é que isso aconteceu: Santa Margarida (Fig. 5, n.º 60), Serra Alta (Fig. 13, n.º 1) e Crespa (Fig. 13, n.º 2). No primeiro e no último a pintura surge no interior e no exterior, enquanto que no exemplar da Serra Alta, apenas no exterior, consistindo em linhas paralelas de diferente espessura. Nos outros dois exemplares, a decoração consiste em bandas largas acompanhadas, no exemplar do povoado da Crespa, por um reticulado na face interna.

No povoado do Álamo foi recolhido um fragmento cerâmico com uma decoração penteada, até agora único na margem esquerda, mas que, em outros sítios do Sudoeste, acompanha a cerâmica com decoração brunida (por exemplo, na gruta de Ibn Amar, segundo Gomes, Cardoso e Alves, 1995, p. 38).

O povoado de Santa Margarida forneceu dois exemplares de decoração com cordões em relevo aplanados, que se poderão, talvez, considerar como restos de asas ou pegas, usuais também em contextos do Bronze Final do Sudoeste.

Também de Santa Margarida provem o único exemplar com decoração incisa no exterior (Fig. 5, n.º 57).

Por fim, deverá referir-se que em Santa Margarida, no Passo Alto, na Serra Alta e no Álamo foram recolhidos alguns (poucos) exemplares de cerâmica em que a superfície externa recebeu um acabamento denominado “a cepillo” (em Santa Margarida, por exemplo, nos vasos 1 e 6 da Fig. 4 e 87 da Fig. 7), o qual não se pode considerar como decoração. De qualquer modo, este tipo de tratamento de superfícies cerâmicas começa por surgir durante o Bronze Final, para se tornar muito comum durante a I Idade do Ferro, onde é acompanhado por cerâmicas com impressões de dedadas e/ou pequenas incisões no bordo. É a situação verificada na Folha do Ranjão (Baleizão, Beja), junto ao Guadiana, na sua margem direita (Faria e Soares, 1998), ou no povoado da Herdade do Pomar (Ervidel, Aljustrel) (Parreira e Berrocal-Rangel, 1990). No primeiro caso, será atribuível à I Idade do Ferro, enquanto que o da Herdade do Pomar será, talvez, já atribuível aos inícios da II Idade do Ferro.

3.3. Os povoados: interpretação do polimorfismo observado

Os treze povoados do Bronze Final conhecidos, até hoje, na margem esquerda do Guadiana (Fig. 1) ocupam posições diversas no terreno ou apresentam características que permitem agrupá-los em, pelo menos, quatro grupos.

Um primeiro grupo será constituído pelos grandes povoados fortificados (4 a 6 ha) existentes junto ao Guadiana (Crespa, Misericórdia, Laço e Ratinhos) ou junto a um dos seus afluentes (Passo Alto). A fortificação, aparentemente, existe apenas no lado do povoado de mais fácil acesso, como na Misericórdia e no Passo Alto, ou rodeia todo o povoado (Ratinhos) ou todos os lados, excepto a margem escarpada do Guadiana (Crespa e Laço). Em todos eles parece existir um espaço, relativamente grande, que não teria sido usado para habitação, dada a ausência ou a raridade de artefactos que aí se encontram. Esses espaços poderiam ter sido utilizados para guardar o gado (Arnaud, 1979, p. 61).

Um segundo grupo será constituído pelos povoados de altura (Álamo e Serra Alta) implantados no cume aplanado de relevos bastante altos, que ladeiam corredores de passagem entre a bacia do Chança e o Baixo Ardila e que esses povoados controlariam. Aparentemente não seriam fortificados. As vertentes mais ou menos abruptas do Álamo (420 m) e da Serra Alta (400 m) constituem defesas naturais que poderiam ter sido complementadas com estruturas artificiais, eventualmente de materiais perecíveis, não susceptíveis de serem identificadas, actualmente, em simples prospecções superficiais.

Um terceiro grupo será constituído por pequenos povoados (área ≤ 1 ha) com sistemas de defesa de que restam, actualmente, alguns taludes artificiais a rodear a área ocupada. Situam-se em áreas de boa capacidade agrícola. É o caso da Quinta do Pantufo, do Moitão d’Altura, de S. Brás 1 e, possivelmente, de S. Gens, embora este esteja de tal maneira destruído que já não é perceptível a sua forma ou qualquer sistema de defesa.

Por fim, um quarto grupo constituído por “sítios” de planície (Santa Margarida e Casa Branca 1), junto a pequenos ribeiros, de fácil acesso e aparentemente sem quaisquer preocupações de defesa.

O conjunto artefactual (cerâmica) da Casa Branca 1 encontra-se, no geral, muito erodido, devido a uma agricultura intensiva praticada no local, nestes últimos anos. Dada a melhor conservação do de Santa Margarida, será com base nele e no que foi observado neste sítio arqueológico, que se irão apoiar as interpretações que adiante serão expostas.

Como já foi por mais de uma vez sublinhado, o sítio de Santa Margarida foi aquele que em condições de investigação idênticas forneceu maior quantidade de cerâmica com ornatos brunidos — cerca de centena e meia de exemplares — enquanto que, para os outros, o número de exemplares se reduz a um dígito, com a excepção do Passo Alto onde se registaram dez exemplares. Situação mais ou menos idêntica é a que acontece no resto do Sudoeste português, com a excepção, não tão pronunciada como a referente a Santa Margarida, da Lapa do Fumo, onde se recolheram 36 exemplares desta cerâmica. Por outro lado, em Santa Margarida não existe uma mancha mais ou menos contínua de cerâmica atribuível ao Bronze Final, como nos outros povoados, mas sim três zonas restritas e bem delimitadas (a que se chamou núcleos 1, 2 e 3). Qual o significado destes factos?

Parece lógico, dada a escassez da cerâmica de ornatos brunidos na generalidade dos sítios arqueológicos, que esta seja uma cerâmica de prestígio ou ligada a actos rituais. Torres Ortiz tem sido dos poucos investigadores que se tem debruçado sobre a função ou significado desta cerâmica, ou melhor e no caso concreto, da cerâmica de “retícula bruñida”. Escreve Torres Ortiz (2002, p. 130): “*En este sentido, es muy interesante la aportación efectuada por Aubet, Barceló y Delgado (1996: 149) de identificar estas cerámicas como símbolos de pertenencia a la comunidad, ya que, en los túmulos A y B de Setefilla, su mayor presencia se asocia a niños mayores de seis años e individuos juveniles, lo que sugiere que han pasado ciertos ritos de paso y sido aceptados como miembros de pleno derecho de la misma. Así, las cazuelas y copas con esta decoración se habrían utilizado como vajilla para el consumo de alimentos y bebidas en rituales y ceremonias*”.

No que diz mais estritamente respeito ao caso português, a propósito dos exemplares da Lapa do Fumo e da Gruta do Correio Mor, João Luís Cardoso interroga-se sobre o “*significado paleontológico*” da ocorrência destas cerâmicas e considera que será de lhes atribuir um significado ritual, correspondente a oferendas em santuário rupestre, ao mesmo tempo que lança a hipótese de esses rituais estarem correlacionados com a água (Cardoso, 1996, 1997/98, 2000).

Deverá notar-se que o sítio de Santa Margarida se situa entre dois ribeiros, o da Carelinha e o de Santa Ana. Este último corre durante todo o ano, uma vez que, junto a ele, no sopé da colina de Santa Margarida, existe uma fonte de água permanente, a Fonte Ferreira. A grande quantidade de cerâmica do Bronze Final encontrada em cada um dos três núcleos de Santa Margarida, a área de dispersão da mesma e a inexistência de elementos de foice, tão característicos da maior parte dos povoados do Bronze Final do Sudoeste, tornam pouco crível que cada núcleo corresponda apenas a uma habitação que tenha tido somente essa função se, porventura, existiu essa habitação e teve essa função. Por tudo isto, um significado ritual a atribuir a esta cerâmica e identificar o sítio de Santa Margarida como um local ritual parecem, pois, hipóteses muito prováveis e sugestivas a serem tidas em consideração em futuras intervenções arqueológicas, não só em Santa Margarida, mas também em outros contextos do Bronze Final do Sudoeste.

Tenha-se em atenção que, igualmente, o sítio Casa Branca 1 poderá ter o mesmo significado que foi atribuído a Santa Margarida. Também ele fica próximo de um ribeiro, onde também existe, na sua vizinhança imediata, uma fonte.

Um outro povoado que merece uma atenção particular, mas por motivos diversos, é o do Álamo, um dos povoados de altura, com a função de controlo de duas vias de passagem da bacia do Chança à sub-região fértil do Baixo Ardila (Figs. 14 e 15). Neste povoado, ao contrário do que

acontece no muito provável povoado contemporâneo da Serra Alta, não foram encontrados quaisquer elementos de foice que indiciassem actividades agrícolas dos seus habitantes. Foram, no entanto, encontradas contas de colar em quartzo, possivelmente calcedónia ou cherte (Gonçalves, 2005), o que deveria constituir um elemento de luxo de quem o habitava. Além disso, tendo sido menos prospectado que o povoado da Serra Alta e sido recolhida menor quantidade de cerâmica do que neste, foram, contudo, encontrados mais exemplares de cerâmica com ornatos brunidos. Tudo isto, conjugado com a proximidade do local de achamento do tesouro (Fig. 18), torna provável a correspondência do Álamo com um local de residência de um chefe, bem como a existência de uma hierarquia de povoamento na zona. Do povoado do Álamo dependeria o povoado da Serra Alta e, possivelmente, outros povoados menores do tipo da Quinta do Pantufo ou do Moitão d'Altura. Estes, por sua vez e muito provavelmente, estariam na dependência de outros povoados maiores, como a Crespa ou a Misericórdia.

3.4. O problema da cronologia

O conjunto artefactual recolhido nestes povoados da margem esquerda portuguesa do Guadiana, a maior parte apenas em prospecção superficial, poderá ser considerado como bastante homogéneo. Cronologicamente aponta para a última fase do Bronze Final, se se admitir que, tal como na península de Lisboa (Cardoso, 1996), esta última fase se caracteriza precisamente pela ocorrência de cerâmica com ornatos brunidos, ao contrário de uma fase anterior em que esse tipo de decoração não ocorre.

As balizas cronológicas precisas para a cerâmica de ornatos brunidos no exterior dos vasos continua ainda matéria controversa, devido à quase inexistência de escavações arqueológicas e de datações absolutas (^{14}C), quer para esta fase, quer para a que a precedeu, quer ainda para a que lhe sucedeu. E. da Cunha Serrão, o primeiro arqueólogo que chamou a atenção para a cerâmica de ornatos brunidos com base nos fragmentos recolhidos na Lapa do Fumo (Serrão, 1959, 1970), situou-a, a princípio, em meados do I milénio a.C. para, posteriormente, tendo em atenção os dados da investigação que decorria no Sudoeste espanhol sobre uma cerâmica muito semelhante, a de “retícula bruñida”, recuar a sua cronologia para um período entre os séculos VIII e V a.C. Schubart (1971) atribui-lhe uma cronologia entre o século X e o século VII a.C. Arnaud (1979) atribui ao povoado da Corôa do Frade, um do povoados fortificados do Sudoeste com níveis do Bronze Final (povoados esses que “têm entre si um elemento comum: a cerâmica brunida com decoração geométrica”), primeiramente uma cronologia absoluta de 900 a 600 a.C. para, mais tarde, a recuar para o intervalo 1000 a 700 a.C. (Arnaud, 1995). Cardoso (1995, 1996), embora não estabeleça uma baliza precisa para o aparecimento desta cerâmica (seria posterior à ocupação do povoado do Bronze Final da Tapada da Ajuda, datável do século XIII a.C.), considera que, “*actualmente, é incontroversa a atribuição crono-cultural de tais cerâmicas a fase tardia do Bronze Final, cujo uso se prolongou até à chegada das primeiras cerâmicas feitas ao torno rápido, de origem oriental, a partir do século VIII a.C.*” (Cardoso, 1996, p. 8). Contudo, o povoado do Alto do Castelinho da Serra (Gibson et al., 1998), com uma primeira ocupação do Bronze Final e onde foram encontradas cerâmicas com ornatos brunidos, quer na superfície externa, quer na interna, terá tido o seu início em meados do século IX a.C., prolongando-se essa ocupação até aos séculos VIII/VII a.C., quando coexistiram cerâmicas de ornatos brunidos e importações orientais. Por outro lado, no monumento da Roça do Casal do Meio, conjuntamente com um vaso com ornatos brunidos foi recolhida uma fibula que Spindler e Ferreira (1973) atribuem aos séculos X ou IX a.C., mas cujos paralelos sici-

lianos são datáveis no intervalo 1100 a 900 a.C. A datação pelo radiocarbono deste monumento, ou melhor, a publicação da data de radiocarbono já determinada para este monumento (Vilaça, Cruz e Gonçalves, 1999, p. 17, n. 20) ajudaria a precisar a sua cronologia.

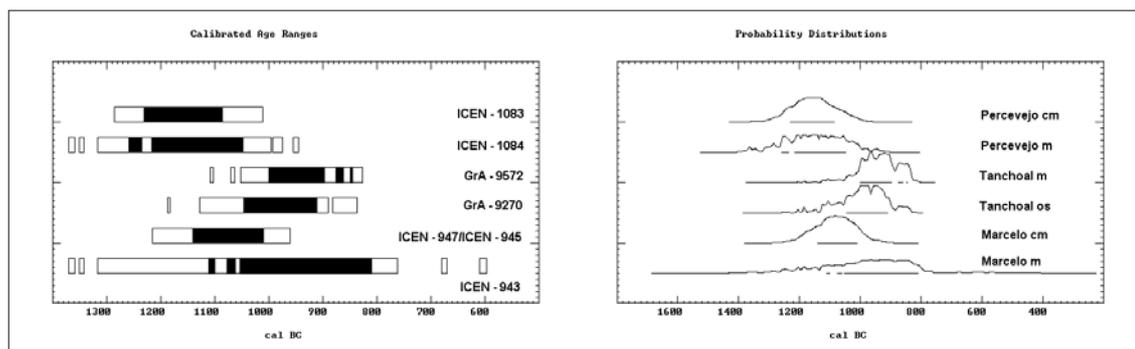


Fig. 19 Representações gráficas das datas de radiocarbono calibradas da Quinta do Marcelo (Bolsa 1), do Tanchoal dos Patudos e da Quinta do Percejejo, fazendo uso do programa CALIB rev. 4.4 (Stuiver e Reimer, 1993), tendo em atenção a curva INTCAL98 (Stuiver *et al.*, 1998) para as datas de amostras da biosfera terrestre (**m** - madeira carbonizada; **os** - ossos) e a curva de Stuiver, Reimer e Braziunas (1998) para as das amostras de conchas marinhas (**cm** - conchas marinhas). Tomou-se para valor do parâmetro regional do efeito de reservatório oceânico o valor (ainda inédito) $\Delta R=95\pm 15$ anos (valor apenas válido para o intervalo 3000 BP - 600 BP).

- Representação dos intervalos de 1σ a negro, enquanto que a totalidade dos intervalos corresponde a 2σ .
- Representação da distribuição de probabilidade correspondente a cada uma das datas calibradas.

Datas de radiocarbono existem para a necrópole do Bronze Final do Tanchoal dos Patudos. Foi datado o conteúdo de matéria orgânica de uma urna desta necrópole, obtendo-se GrA-9270 2830 ± 50 BP (ossos humanos) e GrA-9572 2790 ± 50 BP (carvão vegetal) (Vilaça, Cruz e Gonçalves, 1999). A calibração destas datas convencionais aponta para uma data de calendário dentro dos finais do século XI ou no século X cal BC (Fig. 19). Embora a urna, donde foram retiradas as amostras datadas, não se apresente decorada, da mesma necrópole provém outro vaso de forma muito semelhante à desta, mas com uma retícula oblíqua brunida no exterior do bordo. De outra necrópole da Quinta dos Patudos de Alpiarça, a do Meijão, provém várias urnas com decoração brunida no exterior (Kalb e Höck, 1985). Da Quinta do Marcelo (Almada) foram obtidas duas datas para um mesmo contexto, uma bolsa escavada no solo, a qual forneceu um conjunto artefactual de que faziam parte duas taças com ornatos brunidos, no exterior e no interior, uma, e só no interior, a outra (Barros, 1996). As datas obtidas ICEN-943 2780 ± 120 BP (carvão vegetal) e ICEN-947/ICEN-945 3320 ± 40 BP (*Patella sp.* e *Trochocochlea lineata*) apontam para um qualquer momento entre os séculos XII e IX cal BC (ver Fig. 19). De uma segunda bolsa foram datados vários materiais orgânicos (Melo e Senna-Martinez, 2000) associados a artefactos mais recentes (Idade do Ferro), dos quais não faziam parte exemplares com ornatos brunidos, obtendo-se datas absolutas também mais recentes. Por fim, da Quinta do Percejejo (Almada) foi datado um contexto que não é aquele publicado por Barros e Espírito Santo (1991) e que tinha fornecido um conjunto de materiais atribuíveis ao Bronze Final, entre eles uma urna com decoração brunida formando uma faixa acima da carena (Barros, 1996, p. 28). As datas obtidas ICEN-1084 2940 ± 60 BP (carvão vegetal) e ICEN-1083 3370 ± 45 BP (*Venerupis decussatus*) correlacionam-se com uma estrutura muito destruída e cuja relação precisa com o contexto do Bronze Final atrás mencionado se ignora. As datas (Fig. 19) apontam para um contexto de idade mais antiga do que os datados do Tanchoal e da Quinta do Marcelo, isto é, no intervalo século XIII – século XI cal BC. Mais nenhuma data absoluta é conhecida para o Sudoeste português para esta época.

Para o Sudoeste espanhol, vários contextos do Bronze Final com cerâmica de “retícula brunida” têm sido datados. Deverá referir-se que essas datações, entre outras consequências, têm posto em causa a cronologia tradicional ou arqueológica para o Período Orientalizante no Sudoeste (veja-se, por exemplo, Torres Ortiz, 1998; Barros e Soares, 2005). Assim, a fundação das primeiras colónias fenícias terá ocorrido no último quartel do século IX a.C., o que baixa de algumas dezenas de anos ou de cerca de uma centena de anos algumas cronologias até agora aceites para as primeiras manifestações atribuíveis ao Período Orientalizante e, por conseguinte, para os últimos exemplares da cerâmica com ornamentação brunida. Também baseado nestas datações absolutas Ruiz Mata (1995) considera que as decorações brunidas terão tido origem no Baixo Guadalquivir, no II milénio a.C., em que as datas para Setefilla I-11070 3520±95 BP e I-11069 3470±95 BP (Aubet Semmler, 1981, p. 129) estarão associadas aos momentos mais antigos para estas cerâmicas. Além disso, os resultados obtidos com as intervenções arqueológicas no povoado de Llanete de los Moros, em Montoro (Córdoba) indicam que o Bronze Final se teria aí iniciado por volta de 1300-1250 a.C. e que, cerca de 1100 a.C. os elementos culturais do Bronze Final estariam claramente definidos (Ruiz Mata, 1994). Para a zona de Huelva, Ruiz Mata (1995) sugere datas mais recentes para o seu início — século IX/inícios do VIII a.C., o que se poderá talvez recuar para o século X, tendo em atenção o atrás referido sobre a cronologia para o Período Orientalizante. Note-se, contudo, que as duas datas para Setefilla terão de se considerar como muito antigas para um contexto de Bronze Final, mesmo se se considerar que esse contexto corresponde ao período de gestação ou às primeiras fases de desenvolvimento do Bronze Final. Será mais prudente não lhes dar muito crédito até que a situação se clarifique. Torres Ortiz (2002, p. 128), por seu lado, considera, baseado nas datas de radiocarbono calibradas, quer para o início da colonização fenícia, quer para contextos anteriores à chegada dos Fenícios, que o início da fabricação das cerâmicas de ornatos brunidos se terá dado no século XI a.C., possivelmente em meados do mesmo.

Deverá, também, ter-se em atenção que diversos contextos do Bronze Final da Beira Alta e da Beira Interior, onde, por vezes, aparecem cerâmicas com ornatos brunidos em quantidades apreciáveis, têm sido datados pelo radiocarbono (ver, por exemplo, Melo e Senna-Martinez, 2000, Quadro II ou Senna-Martinez, 2002, Quadros III e IV)). As datas obtidas distribuem-se, a maior parte delas, entre os séculos XIII/XII e X cal BC, o que indicia uma contemporaneidade das cerâmicas com ornatos brunidos destas áreas periféricas ao Sudoeste com as mais antigas do sul andaluz. Não parece aceitável que o aparecimento destas cerâmicas nas Penínsulas de Lisboa e de Setúbal ou, mesmo, no Alentejo se tenha dado num momento posterior ao surgimento destas nas Beiras. Se isso acontecesse, esse facto estaria em contradição com o que tem sido proposto que a Península de Setúbal, a qual teria constituído um dos focos de origem da cerâmica de ornatos brunidos tipo “Lapa do Fumo”, os quais se observam em alguns exemplares da Beira Interior (Vilaça, 1995, 1998).

Na margem esquerda do Guadiana, a emergência dos povoados na Idade do Bronze ocorre apenas no Bronze Final. Os locais onde se implantam não apresentam qualquer ocupação anterior ou, quando muito, apresentam uma ocupação muito mais antiga atribuível ao Calcolítico, isto é, são fundados, nestes casos, após um hiato correspondente, pelo menos, ao Bronze Pleno. Deverá referir-se que os únicos contextos conhecidos para o Bronze Pleno, na margem esquerda, são os contextos funerários, contextos estes que têm estado até agora ausentes no registo arqueológico referente ao Bronze Final desta região. Por isso, não será descabido propor uma data dentro dos séculos XIII/XII a.C. para o início do Bronze Final e, de igual modo, para o aparecimento das decorações brunidas. Mas a ser assim, aquela primeira etapa do Bronze Final proposta por

João Luís Cardoso (1996, 2000), que se caracterizaria precisamente pela ausência da decoração brunida, não terá existido. Note-se, além da raridade desta cerâmica nos contextos habitacionais do Bronze Final do Sudoeste português, o seu carácter ritual e as datas para o Bronze Final nas Beiras Altas e na Beira Interior, pelo que a ausência da cerâmica de ornatos brunidos no registo de um qualquer contexto habitacional do Bronze Final não parece que, por si só, possa implicar um contexto cultural diferente e, por conseguinte, a subdivisão do Bronze Final em duas fases. No entanto, deverá novamente sublinhar-se que, a terem existido essas duas fases, então algo terá de ser revisto: ou a cronologia para as cerâmicas de ornatos brunidos da Beira Alta e da Beira Interior, o que não parece muito aceitável, dado o número de contextos já datados pelo radiocarbono, ou a origem para a cerâmica com ornamentação brunida, que teria de ser procurada nas Beiras e não na região das Penínsulas de Lisboa e Setúbal.

Um outro problema refere-se ao abandono ou fim destes povoados da margem esquerda do Guadiana, bem como ao desaparecimento das cerâmicas de ornatos brunidos dos conjuntos artefactuais em uso. Segundo Pérez Macías (1996), uma análise do povoamento do primeiro quartel do primeiro milénio a.C. permite verificar que, a partir do século VIII, se observa no Alentejo, na serra de Huelva e na província de Badajoz uma descida brusca do número de povoados. Ainda que alguns deles continuem no período orientalizante, a maior parte destes são também abandonados, podendo o momento de abandono atingir, nestes casos e quando muito, o século VII a.C. Tirando algumas (poucas) excepções, como Medellín, o Alto do Castelinho da Serra ou o Castillo de las Peñas, não se encontra qualquer evidência firme de povoamento após aquela data até ao aparecimento, em meados do século V a.C., de outras populações, os célticos do Sudoeste, sem precedentes na Idade do Bronze desta área. Também nos treze povoados do Bronze Final da margem esquerda do Guadiana, indicados na Fig. 1, parece verificar-se o seu abandono anteriormente ao aparecimento de quaisquer manifestações atribuíveis à Idade do Ferro. Mesmo no povoado da Misericórdia (Soares, 1996), onde além de uma ocupação atribuível ao Bronze Final, é reconhecível uma outra imputável à II Idade do Ferro, deverá existir um hiato entre elas.

Perante estes dados, será de atribuir à cerâmica com ornatos brunidos na superfície exterior uma cronologia no intervalo entre os séculos XIII/XII a VIII/VII a.C. Uma maior precisão para estes limites cronológicos terá de aguardar por novas escavações arqueológicas e datações absolutas.

4. Conclusões

O Bronze Final do Sudoeste na margem esquerda portuguesa do Guadiana encontra-se representado no registo arqueológico apenas por povoados, não se tendo encontrado, até hoje, qualquer monumento funerário.

Os treze povoados identificados podem agrupar-se em quatro categorias: *i*) os grandes povoados muralhados, que se implantam nas margens do Guadiana ou dos seus afluentes; *ii*) os povoados de altura, situados em cumes aplanados dos grandes relevos residuais que delimitam corredores de passagem entre as bacias do Chança e do Baixo Ardila; *iii*) os pequenos povoados fortificados em áreas com boa capacidade agrícola e, por fim, *iv*) pequenos sítios, em zonas planas, sem condições naturais de defesa, junto a linhas de água e fontes permanentes de água.

Qualquer destes povoados terá sido fundado durante o Bronze Final e o seu fim terá ocorrido em qualquer momento, entre os séculos VIII e VII a.C., antes de qualquer manifestação atribuível à I Idade do Ferro ter tido nele lugar.

A análise das dimensões destes povoados, bem como da sua situação no terreno, além do verificado no referente ao povoado do Álamo — ao qual se associará o tesouro (do mesmo nome) encontrado próximo, bem como o conjunto artefactual de maior riqueza aí recolhido (comparado com os conjuntos artefactuais recolhidos nos outros povoados) — tudo isso leva a inferir a existência de uma hierarquização do povoamento do Bronze Final na margem esquerda do Guadiana, bem como a existência de chefaturas de que o povoado do Álamo constituiria a sede de uma delas.

A cerâmica de ornatos brunidos constitui um dos elementos da cultura material característicos destes sítios arqueológicos. Predominam as decorações no exterior dos vasos, enquanto que as realizadas no interior ou no interior e no exterior têm um carácter minoritário. A análise do conjunto das decorações brunidas geométricas leva a propor a existência, na margem esquerda do Guadiana, de um “estilo” regional caracterizado pela variedade e complexidade dos motivos, por um barroquismo, mesmo, dessas decorações. A decoração constituída, em alguns exemplares, por unicamente faixas brunidas, a complexidade e riqueza dos motivos das decorações brunidas no interior dos vasos, a ausência de alinhamentos de traços brunidos oblíquos ou verticais ou cruzados a contornar a zona de maior diâmetro dos recipientes ou os brunidos vermelhos vivos de alguns exemplares são elementos adicionais que ajudam a caracterizar este “estilo”.

Verificou-se, por outro lado, que este tipo de cerâmica é relativamente raro no conjunto artefactual cerâmico recolhido nos diversos sítios, com excepção do sítio de Santa Margarida, que forneceu cerca de centena e meia de exemplares. Santa Margarida é constituído por três núcleos, separados entre si por cerca de uma centena de metros e, em todos eles, a cerâmica, único tipo de artefacto aí recolhido, aparece concentrado numa zona restrita. A provável relação deste sítio com a água (implanta-se entre dois cursos de água e existe uma fonte de água permanente na sua vizinhança imediata), a grande quantidade de cerâmica de ornatos brunidos aí recolhida, ao contrário do que acontece nos outros sítios, a existência de núcleos muito restritos de ocupação, conjugada com um conjunto artefactual que se resume apenas à cerâmica, e tendo em consideração o que tem sido proposto sobre a função ou significado desta cerâmica, quer para o Sudoeste espanhol (Torres Ortiz, 2002), quer para as áreas dos estuários do Tejo e do Sado (Cardoso, 1996, 1997/98, 2000), será de atribuir ao sítio de Santa Margarida (e, também, ao de Casa Branca 1) um cunho ritual (santuário rupestre?). De igual modo, se poderá inferir a ligação da cerâmica de ornatos brunidos a actos rituais.

Por fim, a cronologia desta cerâmica em termos de datas absolutas encontra-se ainda eivada de grande incerteza e imprecisão, devido às poucas datas de radiocarbono até agora obtidas e à escassez de intervenções arqueológicas de campo em sítios atribuíveis ao Bronze Final do Sudoeste, designadamente no Sudoeste português. O problema coloca-se ainda com maior acuidade no que se refere à cronologia referente aos seus momentos iniciais, que continuam algo nebulosos. Admitindo contemporaneidades, quer entre diferentes regiões do Sudoeste peninsular, quer entre estas e áreas periféricas ao Sudoeste, mas onde a cerâmica de ornatos brunidos existe em contextos do Bronze Final, será de propor o intervalo entre os séculos XIII/XII a.C. e os séculos VIII/VII a.C. para a cronologia a atribuir a esta cerâmica tão característica do Bronze Final do Sudoeste.

NOTAS

- * Departamento de Química, ITN
Estrada Nacional 10
2686-953 Sacavém
amsoares@itn.pt

BIBLIOGRAFIA

- ARMBRUSTER, B.; PARREIRA, R., eds. (1993) - *Inventário do Museu Nacional de Arqueologia - Coleção de Ourivesaria. 1º Volume. Do Calcolítico à Idade do Bronze*. Lisboa: Instituto Português de Museus.
- ARNAUD, J. M. (1979) - Corôa do Frade. Fortificação do Bronze Final dos arredores de Évora - Escavações de 1971/1972. *Madrider Mitteilungen*. Heidelberg. 20, p. 56-100.
- ARNAUD, J.M. (1995) - Corôa do Frade: uma fortificação do Bronze Final dos arredores de Évora. In *A Idade do Bronze em Portugal. Discursos de poder*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia, p. 43.
- AUBET SEMMLER, M. E. (1981) - Sepulturas de la Edad del Bronce en la Mesa de Setefilla (Sevilla). *Madrider Mitteilungen*. Heidelberg. 22, p. 127-149.
- AUBET, M. E.; BARCELÓ, J. A.; DELGADO, A. (1996) - Kinship, gender and exchange: the origins of Tartessian aristocracy. In BIETTY SIESTIERI, A. M.; KRUTA, V., eds. - *XIII International Congress of Prehistoric and Protohistoric Sciences (Forlì - Italia- 8 / 14 September 1996. 12 The Iron Age in Europe)*. Forlì: A.B.A.C.O. Edizioni, p. 149-159.
- BARROS, L. (1996) - *Quinta do Marcelo - Almada. Um acampamento na charneira do Bronze para o Ferro*. Lisboa: Faculdade de Letras (policopiado).
- BARROS, L. (1998) - *Introdução à Pré e Proto-História de Almada*. Almada: Museu Municipal.
- BARROS, L.; ESPÍRITO SANTO, P. (1991) - Quinta do Percevejo - Almada. Uma intervenção de emergência. *Actas das IV Jornadas Arqueológicas (Lisboa 1990)*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, p. 333-342.
- BARROS, L.; SOARES, A. M. M. (2005) - Cronologia absoluta para a ocupação orientalizante da Quinta do Almaraz, no Estuário do Tejo (Almada, Portugal). *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série IV. 22 (em publicação).
- BUBNER, T. (1996) - A cerâmica de ornatos brunidos em Portugal. In ALARCÃO, J.; SANTOS, A. I. P., eds. - *De Ulisses a Viriato. O primeiro milénio a.C.* Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia. p. 66-72.
- CARDOSO, J. L. (1995) - As Cerâmicas de Ornatos Brunidos da Lapa do Fumo. In *A Idade do Bronze em Portugal. Discursos de poder*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia, p. 88.
- CARDOSO, J. L. (1996) - O Bronze Final da Baixa Estremadura e as cerâmicas de ornatos brunidos da Lapa do Fumo (Sesimbra). *Sesimbra Cultural*. Sesimbra. 5, p. 6-14.
- CARDOSO, J. L. (1997/1998) - As cerâmicas de ornatos brunidos da Gruta do Correio-Mor (Loures). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 7, p. 155-167.
- CARDOSO, J. L. (2000) - Manifestações funerárias da Baixa Estremadura no decurso da Idade do Bronze e da Idade do Ferro (II e I milénios a.C.): breve síntese. *Actas do 3.º Congresso de Arqueologia Peninsular*. 5, Porto: ADECAP, p. 61-99.
- DIAS, M. M. A.; SOARES, A. M. M. (1988/89) - Os lateres "ex officina Vincinti" do Sul de Portugal. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série IV. 6/7, p. 263-269.
- DÍAZ-MARTÍNEZ, E.; SOARES, A. M. M.; KRESTEN, P.; GLAZOVSKAYA, L. (2004) - *Evidence for wall vitrification at the Late Bronze Age settlement of Passo Alto (Vila Verde de Ficalho, Serpa, Portugal)*. Poster. IV Congresso de Arqueologia Peninsular (Faro, 14-19 de Setembro de 2004). Livro de Resumos, p. 46
- FARIA, A. M.; SOARES, A. M. M. (1998) - Uma inscrição em caracteres do Sudoeste proveniente da Folha do Ranjão (Baleizão, Beja). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 1:1, p. 153-160.
- FLORES, F. A.; ARAÚJO, C. (1945) - História da exploração da mina de Ruy Gomes. *Estudos, Notas e Trabalhos do Serviço de Fomento Mineiro*. Lisboa. 1, p. 139-143.
- GAMITO, T. J. (1990-1992) - A cerâmica de retícula brunida do castro dos Ratinhos (Moura). *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série IV. 8/10, p. 277-297.
- GAMITO, T. J. (1997) - A Civilização do Bronze no Algarve. In *Noventa séculos entre a Serra e o Mar*. Lisboa: IPPAR, p. 221-241.
- GIBSON, C.; CORREIA, V. H.; BURGESS, C. B.; BOARDMANN, S. (1998) - Alto do Castelinho da Serra (Montemor-o-Novo, Évora, Portugal). A preliminary report on the excavations at the Late Bronze Age to Medieval Site, 1990-1993. *Journal of Iberian Archaeology*. Porto. 0, p. 189-244.
- GOMES, M. V.; CARDOSO, J. L.; ALVES, F. J. S. (1995) - *Levantamento arqueológico do Algarve. Concelho de Lagoa*. Lagoa: Câmara Municipal.
- GÓMEZ TOSCANO, F. (1997) - *El final de la Edad del Bronce entre el Guadiana y el Guadalquivir*. Huelva: Universidad.

- GONÇALVES, A. A. H. B. (2005) - Identificação mineralógica de uma conta do Povoado do Álamo - Sobral da Adiça, Moura. *Revista Portuguesa de Arqueologia* (este volume).
- KALB, Ph.; HÖCK, M. (1985) - *Cerâmica de Alpiarça. Exposição temporária na Galeria dos Patudos. Catálogo*. Alpiarça: Câmara Municipal/Casa Museu dos Patudos. Lisboa: Instituto Arqueológico Alemão.
- LIMA, J. F. (1960) - Castro de Ratinhos (Moura, Baixo-Alentejo, Portugal). *Zephyrus*. Salamanca. 11, p. 233-237.
- LOPES, M. C.; CARVALHO, P. C.; GOMES, S. M. (1997) - *Arqueologia do Concelho de Serpa*. Serpa: Câmara Municipal.
- LÓPEZ ROA, C. (1977) - La cerámica con decoración bruñida en el Suroeste Peninsular. *Trabajos de Prehistoria*. Madrid. 34, p. 341-370.
- MAIA, M.ª; MAIA, M. (1986) - *Arqueologia da área Mineira de Neves-Corvo. Trabalhos realizados no triénio 1982-84*. Castro Verde: Somincor.
- MELO, A. A.; SENNA-MARTINEZ, J. C. (2000) - Agricultores e metalurgistas, da troca ao “mercado”: alguns aspectos e problemas do Bronze Final e Primeira Idade do Ferro na “Península de Lisboa”. In *Turres Veteras IV. Actas de Pré-História e História Antiga*. Torres Vedras: Câmara Municipal, p. 95-118.
- MONTEIRO, J. P. (1980) - O acampamento do Bronze Final das Pontes de Marchil. In *Descobertas Arqueológicas no Sul de Portugal*. p. 43-45.
- PARREIRA, R. (1983) - O Cerro dos Castelos de São Brás (Serpa). Relatório preliminar dos trabalhos arqueológicos de 1979 e 1980. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série IV. 1, p. 149-168.
- PARREIRA, R.; BERROCAL-RANGEL, L. (1990) - O povoado da II Idade do Ferro da Herdade do Pomar (Ervidel, Aljustrel). *Conimbriga*. Coimbra. 29, p. 39-57.
- PARREIRA, R.; SOARES, A. M. M. (1980) - Zu einigen bronzzeitlichen Höhensiedlungen in Südportugal. *Madrider Mitteilungen*. Heidelberg. 21, p. 109-130.
- PÉREZ MACÍAS, J. A. (1992) - El yacimiento de Bronce Final de los Riscos del Castillo (Cabezas Rúbias, Huelva). *Cuadernos del Suroeste*. Huelva. 3, p. 89-113.
- PÉREZ MACÍAS, J. A. (1996) - La transición a la Edad del Hierro en el Suroeste peninsular. El problema de los Celtici. *Spal*. Sevilla. 5, p.101-114.
- RIBEIRO, M. I. M.; SOARES, A. M. M. (1991) - A sepultura do Bronze do Sudoeste da Herdade do Montinho (Vale de Vargo, Serpa). Aplicação de alguns métodos instrumentais de análise química a um problema arqueológico. *Actas das IV Jornadas Arqueológicas (Lisboa 1990)*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, p. 287-297.
- RUIZ MATA, D. (1979) - El Bronce Final – fase Inicial – en Andalucía occidental. Ensayo de definición de sus cerámicas. *Archivo Español de Arqueología*. Madrid. 52, p. 3-19.
- RUIZ MATA, D. (1994) - La secuencia prehistórica reciente de la Zona Occidental Gaditana, segun las recientes investigaciones. In CAMPOS, J. M.; PÉREZ, J. A.; GÓMEZ, F., eds. - *Arqueología en el entorno del Bajo Guadiana*. Huelva: Universidad, p. 279-328.
- RUIZ MATA, D. (1995) - Las cerámicas del Bronce Final. Un soporte tipológico para delimitar el tiempo y el espacio tartésico. In *Tartessos 25 años después (1968-1993)*. Jerez de la Frontera: Ayuntamiento, p. 265-313.
- RUIZ MATA, D.; BLÁZQUEZ MARTÍNEZ, J. M.; MARTÍN DE LA CRUZ, J. C. (1981) - Excavaciones en el Cabezo de San Pedro (Huelva). Campaña de 1978. *Huelva Arqueológica*. Huelva. 5, p.149-316.
- SERRÃO, E. C. (1959) - Cerâmica com ornatos a cores da Lapa do Fumo (Sesimbra). In *Actas e Memórias do I Congresso Nacional de Arqueologia*. Lisboa: Instituto de Alta Cultura. I, p. 337-359.
- SERRÃO, E. C. (1970) - As cerâmicas de «retícula bruñida» das estações arqueológicas espanholas e com «ornatos brunidos» da Lapa do Fumo. In *Actas das I Jornadas Arqueológicas (Lisboa, 1969)*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, II, p. 271-308.
- SCHUBART, H. (1971) - Acerca de la cerámica del Bronce Tardío en el Sur y Oeste peninsular. *Trabajos de Prehistoria*. Madrid. 28, p.3-32.
- SCHUBART, H. (1974) - La cultura del Bronce en el sudoeste peninsular. Distribución y definición. *Miscelánea Arqueológica*. Barcelona. 2, p. 345-370.
- SCHUBART, H. (1975) - *Die Kultur der Bronzezeit im Südwesten der Iberischen Halbinsel*. Berlin: Walter de Gruyter (Madrider Forschungen; 9).
- SENNAMARTINEZ, J. C. (2002) - Aspectos e problemas da investigação da Idade do Bronze em Portugal na segunda metade do século XX. In ARNAUD, J. M., ed. - *Arqueologia 2000. Balanço de um Século de Investigação Arqueológica em Portugal. (Arqueologia & História. 54)*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, p. 103-124.
- SILVA, A. C. (1998) - Salvamento arqueológico no Guadiana. In *Memórias d’Odiãna*. Beja: EDIA. 1.
- SILVA, A. C. (2000) - Inventário arqueológico. Atualização. In *Memórias d’Odiãna*. Beja: EDIA. 2, p. 303-356.
- SILVA, C. T.; SOARES, J. (1978) - Uma jazida do Bronze Final na Cerradinha (Lagoa de Santo André, Santiago do Cacém). *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 4, p. 71-116.
- SPINDLER, K.; FERREIRA, O. da V. (1973) - Der spätbronzezeitliche Kuppelbau von der Roça do Casal do Meio in Portugal. *Madrider Mitteilungen*. Heidelberg. 14, p. 60-108.
- SOARES, A. M. M. (1976/77) - Uma cista do Bronze do Sudoeste em Aldeia Nova de S. Bento (Serpa). *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 2-3, 273-279.
- SOARES, A. M. M. (1988) - O Povoado do Passo Alto. Escavações de 1984. *Arquivo de Beja*. Beja. 2.ª série. 3, p. 89-99.

- SOARES, A. M. M. (1994) - O Bronze do Sudoeste na margem esquerda do Guadiana. As necrópoles do concelho de Serpa. In *Actas das V Jornadas Arqueológicas*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, 2, p. 179-197.
- SOARES, A. M. M. (1996) - Povoado da Misericórdia (margem esquerda do Guadiana, Serpa). Ocupações humanas e vestígios metalúrgicos. *Vipasca*. Aljustrel. 5, p. 103-116.
- SOARES, A. M. M. (2000) - Necrópole do Bronze do Sudoeste dos Bugalhos (Serpa). *Vipasca*. Aljustrel. 9, p. 47-52.
- SOARES, A. M. M. (2003) - O Passo Alto: uma fortificação única do Bronze Final do Sudoeste. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 6:2, p. 293-312.
- SOARES, A. M. M.; ARAÚJO, M. de F.; CABRAL, J. M. P. (1994) - Vestígios da prática de metalurgia em povoados calcolíticos da bacia do Guadiana, entre o Ardila e o Chança. In CAMPOS, J. M.; PÉREZ, J. A.; GÓMEZ, F., eds. - *Arqueología en el entorno del Bajo Guadiana*. Huelva: Universidad, p. 165-200.
- STUIVER, M.; REIMER, P. J. (1993) - Extended ¹⁴C Data Base and Revised CALIB 3.0 ¹⁴C Age Calibration. *Radiocarbon*. Tucson. 35: 1, p. 215-230.
- STUIVER, M.; REIMER, P. J.; BARD, E.; BECK, J. W.; BURR, G. S.; HUGHEN, K. A.; KROMER, B.; McCORMAC, F. G.; van der PLICHT, J.; SPURK, M. (1998) - INTCAL98 Radiocarbon Age Calibration, 24,000-0 cal BP. *Radiocarbon*. Tucson. 40:3, p. 1041-1083.
- STUIVER, M.; REIMER, P. J.; BRAZIUNAS, T. F. (1998) - High-Precision Radiocarbon Age Calibration for Terrestrial and Marine Samples. *Radiocarbon*. Tucson. 40:3, p. 1127-1151.
- TORRES ORTIZ, M. (1998) - La cronología absoluta europea y el inicio de la colonización fenicia en Occidente. Implicaciones cronológicas en Chipre y el Próximo Oriente. *Complutum*. Madrid. 9, p. 49-60.
- TORRES ORTIZ, M. (2002) - Tartessos. Madrid: Real Academia de la Historia (*Bibliotheca Archaeologica Hispana*; 14; *Studia Hispano-Poenicia*; 1).
- VAIRINHO, M.; SOUSA, A. J.; OLIVEIRA, V.; GUERREIRO, L.; GONÇALVES, A. (1991) - Tratamento geomatemático e cartografia de dados de prospecção geoquímica da região de Moura-Ficalho. *Geociências*. Lisboa. 6:1-2, p. 145-159.
- VILAÇA, R. (1995) - *Aspectos do povoamento da Beira Anterior (Centro e Sul) nos Finais da Idade do Bronze. (Trabalhos de Arqueologia 9)*. Lisboa: IPPAR.
- VILAÇA, R. (1998) - Produção, consumo e circulação de bens na Beira Interior na transição do II para o I milénio a.C. In *Actas do Colóquio «A Pré-história na Beira Interior» (Tondela, Nov. 1997)*. Viseu, p. 347-374.
- VILAÇA, R.; CRUZ, D. J.; GONÇALVES, A. A. H. B. (1999) - A necrópole de Tanchoal dos Patudos (Alpiarça, Santarém). *Conimbriga*. Coimbra. 38, p. 5-29.